

Mireli Castilhos Oliveira

**ÁGUAS QUE CINTILAM MEMÓRIA:**  
Reflexões em torno das pinturas de paisagens da Pinacoteca Municipal de Porto  
Alegre Aldo Locatelli

Porto Alegre

2016

Mireli Castilhos Oliveira

**ÁGUAS QUE CINTILAM MEMÓRIA:**  
**Reflexões em torno das pinturas de paisagens da Pinacoteca Municipal de Porto Alegre Aldo Locatelli**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharelado em Museologia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora orientadora: Ma. Marlise Maria Giovanaz.

Porto Alegre

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-reitora: Jane Fraga Tutikian

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretor: Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-diretor: André Iribure Rodrigues

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Diretor: Prof. Moisés Rockembach

Vice-diretor: Prof. Valdir José Morigi

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA**

Coordenadora: Prof.<sup>a</sup> Zita Rosane Possamai

Vice-diretor: Prof. Eráclito Pereira

**CIP - Catalogação na Publicação**

Oliveira, Mireli Castilhos

Águas que Cintilam Memória: Reflexões em torno das pinturas de paisagens da Pinacoteca Municipal de Porto Alegre Aldo Locatelli / Mireli Castilhos Oliveira. -- 2016.

80 f.

Orientadora: Marlise Maria Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Paisagem Cultural. 2. Pinacoteca Aldo Locatelli. 3. Objeto de Museu. 4. Pintura de Paisagem. 5. Lago Guaíba. I. Giovanaz, Marlise Maria, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
Departamento de Ciências da Informação  
Rua Ramiro Barcellos, 2705  
Porto Alegre, RS  
CEP 90035-007  
Telefone: (51) 3308.5067

Mireli Castilhos Oliveira

**ÁGUAS QUE CINTILAM MEMÓRIA:**  
**Reflexões em torno das pinturas de paisagens da Pinacoteca Municipal de Porto Alegre Aldo Locatelli**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharelado em Museologia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora orientadora: Ma. Marlise Maria Giovanaz.

Aprovada em 13 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Marlise Maria Giovanaz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Zita Rosane Possamai

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Bel. Luiz Mariano Figueira da Silva

Examinador Externo

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Eliane e Almir, por sempre me apoiarem, mesmo quando não concordam comigo; pelo carinho, dedicação e amor. Obrigada por me protegerem, me abençoarem e amarem incondicionalmente.

À minha irmã Miriane, por me fazer ser quem sou; por me ensinar os melhores valores que tenho; por me salvar tantas vezes e por ser minha melhor amiga. À minha avó Lourdes, por simplesmente ser a minha rainha. Ao meu namorado Tiaraju, por ser meu *guerreiro*, me inspirar tantas vezes a lutar pelo o que quero, por me apoiar das mais diversas formas, pela paciência, carinho e parceria. Ao meu cunhado Giovani, por ser um irmão mais velho. Ao meu *bichinho*, meu afilhado Lucas, por ser a maior alegria da minha vida. A toda minha família, pela união e pelos laços eternos.

A cada um dos meus colegas da Museologia, pelas risadas, companheirismo, por dividirem um pouco da vida de vocês comigo, tenham certeza que cada um deixou um pedacinho, em especial à Mábila, Leida e Aninha, muito obrigada por essa linda amizade, pelos deliciosos cafés, doces e almoços! E Mábila, muito obrigada por me auxiliar nos desafios da ABNT!

Aos meus professores, por todo aprendizado e dedicação, em especial agradeço à Lizete, por nos encher de carinho, de vontade de aprender e por ser essa amiga que tanto nos acolhe e inspira; à Marlise, pela orientação, pelo bom humor contagiante, pela paciência e carinho; à Zita, por toda ajuda e por nos inspirar em sermos sempre melhores; à Vanessa, por todo carinho de mãe e pela maravilhosa experiência expográfica; ao Elias, por ser um exemplo de pessoa e profissional para nós; à Carol, pelas instigantes aulas de Documentação e Teoria Museológica que nunca esquecerei; à Dalla, por ser esse doce de pessoa, essa mãe durona, mas também toda derretida, que tanto nos ensina sobre teorias e sobre a vida.

Aos profissionais incríveis que passaram por mim nessa trajetória de aprendizado, em especial: Débora Soares, Paulo Gomes, Blanca Brites, Luiz Mariano, Flávio Krawczyk, Pedro Vargas e Carmem Salazar. Agradeço pelos ensinamentos, pela confiança e pelas oportunidades que vocês me proporcionaram!

Pela amizade de Kevin e Marina, meus queridos, vamos continuar seguindo nossos sonhos e contando uns com os outros sempre.

Agradeço em especial à Pinacoteca Aldo Locatelli e a todos profissionais que trabalharam por ela. Obrigada pela atenção e por ser esse espaço mágico, esse lago profundo cheio de tesouros, o qual eu sempre mergulho e me perco em seu acervo.

Obrigada vôzinho, o *Seu Zé*, meu marinheiro, meu aventureiro, meu violeiro. Obrigada pelas músicas, pelo violão, pelas histórias, pelo carinho. Obrigada por ter passado pela minha vida e por ter deixado tantas lembranças. Obrigada por me ensinar sobre a vida e a morte.

*Isso chama-se gratidão...*

*Olhando para o rio Guaíba  
Senti uma mágoa, algo diferente  
Será que alguém pintou esse rio  
Como vi essas águas, sinceramente [...]   
[...] O aguapezal vagando como eu,  
Um pescador sonhando como eu  
Muitos olhares olhando igual ao meu  
E mil romances tristes qual o meu.*

*Noel Guarany*

## RESUMO

Este trabalho propõe um levantamento das obras das pinturas da Pinacoteca Aldo Locatelli que retratam o lago Guaíba, identificando seus autores, seu conteúdo e as demais informações relacionadas, considerando o conceito de Paisagem Cultural. A Pinacoteca Aldo Locatelli tem caráter municipal e está localizada na Praça Montevideu, no Centro Histórico de Porto Alegre. A seleção desta instituição e de suas obras ocorreu pela sua importância à cidade de Porto Alegre, por ser um dos acervos municipais. Com isso, este trabalho tem o objetivo de estudar 19 pinturas, a partir do conceito de objeto de museu, considerando não apenas o aspecto artístico, mas também museológico. Considera o conceito de Paisagem Cultural, como base para a pesquisa, a fim de estabelecer relações entre a orla e os quadros enquanto produto artístico. Para a sua realização foi utilizada a abordagem qualitativa, através de levantamento bibliográfico, descrição dos objetos e elaboração de relações entre as fontes pesquisadas e as características dos quadros enquanto objetos de museu, elaborando um conjunto de quadros de análise com as 19 obras selecionadas. Conclui que há relações entre os artistas e a escolha do que retratam, bem como há relações entre o conceito de Paisagem Cultural e as obras.

**Palavras-chave:** Paisagem Cultural. Pinacoteca Aldo Locatelli. Objeto de Museu. Pintura de Paisagem. Lago Guaíba.

## **ABSTRACT**

This work proposes a survey of the paintings of Pinacoteca Aldo Locatelli that portray Lake Guaíba, identifying its authors, their content and more related information, considering the concept of Cultural Landscape. Pinacoteca Aldo Locatelli has a municipal character and it is located in Montevideo Square, Historic Center of Porto Alegre. The selection of this institution and its collection occurred for its significance to the city of Porto Alegre, for being one of the municipal collections. Thereby, this work has the objective of studying 19 paintings, from the concept of museum object, the concept not only of the artistic aspect, but also museum aspect. It considers the concept of Cultural Landscape, as base for this research, with the view of establish relations between the lakeside and the paintings as artistic product. For its realization it was used a qualitative approach, through a bibliographical survey, description of the objects and elaboration of relations between the sources researched and the characteristics of the paintings while museum objects, elaborating a set of frames of analysis with the 19 selected works. Concludes that there are relationships between artists and their choice of what they portray, as well there are relationships between the concept of Cultural Landscape and the paintings.

**Keywords:** Cultural Landscape. Art Gallery Aldo. Locatelli. Museum Object. Landscape Painting. Lake Guaíba.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1 - Círculo de Relações .....</b>	<b>67</b>
---	-----------

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - As Lavadeiras na Praia do Riacho .....	29
<b>Quadro 2</b> - Paisagem .....	31
<b>Quadro 3</b> - Paisagem: vista do Cristal .....	32
<b>Quadro 4</b> - Porto Alegre vista do Cristal .....	34
<b>Quadro 5</b> - Ponte do Riacho .....	35
<b>Quadro 6</b> - Mercado de Porto Alegre.....	38
<b>Quadro 7</b> - Docas: barcos de Navegantes.....	40
<b>Quadro 8</b> - Canhoneira Marajó .....	42
<b>Quadro 9</b> - Riacho .....	44
<b>Quadro 10</b> - Paisagem de Porto Alegre.....	46
<b>Quadro 11</b> - Paisagem .....	48
<b>Quadro 12</b> - Ponte de Pedra.....	50
<b>Quadro 13</b> - Chegada dos açorianos ao sul .....	52
<b>Quadro 14</b> - Abrindo a Av. Borges de Medeiros .....	54
<b>Quadro 15</b> - Ponta Grossa.....	56
<b>Quadro 16</b> - O dedo/ Pedras/ Serraria.....	58
<b>Quadro 17</b> - Formação da cidade de Porto Alegre .....	60
<b>Quadro 18</b> - Procissão da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes .....	62
<b>Quadro 19</b> - Porto Alegre e sua projeção para o futuro .....	64

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 AS NUANCES ENTRE UMA PAISAGEM E OUTRA .....</b>	<b>16</b>
2.1 TRAJETÓRIAS DA PAISAGEM NA ARTE .....	16
2.2 A ORLA DO GUAÍBA E O <i>ESPIRITU LOCI</i> : RELAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE PAISAGEM CULTURAL E PATRIMÔNIO NATURAL.....	19
<b>3 O ACERVO DA PINACOTECA ALDO LOCATELLI E O LAGO GUAÍBA.....</b>	<b>23</b>
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>25</b>
4.1 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA .....	25
4.2 INSTRUMENTOS DE NAVEGAÇÃO.....	26
<b>5 AS PEQUENAS JANELAS INUNDADAS DE MEMÓRIA.....</b>	<b>29</b>
5.1 O LAGO NO MUSEU .....	65
<b>6 MERGULHOS FINAIS .....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICE A – Tabela de Exposições .....</b>	<b>76</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A orla do Guaíba é uma das paisagens mais reverenciadas pelos moradores da cidade de Porto Alegre. Diariamente, podemos ver pessoas admiradas com a beleza das múltiplas cores e luzes que as águas da orla nos apresentam durante o decorrer do dia. Ao entardecer, os admiradores sentam-se à margem, muitos em silêncio, como se assistissem a um espetáculo dramático, enquanto outros conversam, riem, confraternizam com a orla como se esta fosse mais um velho amigo. Também encontramos olhares admirados, que registram esse cenário brilhante através de câmeras fotográficas.

Porto Alegre formou-se nas margens do Guaíba, um lago chamado de “rio” por grande parte dos moradores da cidade. Ao longo de sua margem estão lugares marcantes para a história da cidade: o Mercado Público, o Cais do Porto, a Usina do Gasômetro, o Estaleiro Só, entre outros pontos da orla, que fazem parte da memória, da construção cultural e do imaginário da cidade de Porto Alegre. De certa forma, ao mesmo tempo em que esses lugares nos parecem tão íntimos, também notamos um distanciamento da cidade com o lago, por meio das construções que enchem a margem de paredes de concreto. Essa paisagem, modificada ao longo dos anos, faz parte do cotidiano da cidade, que a usufrui de muitas formas. É também tema de muitos artistas, que trabalham diferentes visões acerca de suas metamorfoses, através da poesia, música e artes visuais. Os artistas depositam em suas obras seus olhares, mas também constroem uma visão poética do real. A pintura é uma das técnicas mais usadas pelos artistas visuais. No Rio Grande do Sul, os imigrantes que vieram desde o final do século XIX, trouxeram consigo seus estilos e gêneros artísticos (SALGUEIRO, 1997), o que influenciou na produção de pinturas de paisagens na capital.

A arte, por muito tempo, procurou atingir a mais fiel imitação do mundo concreto, mas o advento da fotografia no século XIX permitiu uma transformação que fez com que a arte aos poucos deixasse de ser primeiramente representativa, tornando-a intuitiva, subjetiva e crítica. A fotografia, além de possibilitar um vislumbre muito mais próximo do real do que as técnicas como a pintura, ou o desenho, também demanda um posicionamento diferente de seu autor, assim como tempo distinto de produção. Ao observarmos uma pintura, por exemplo, que

represente algo já existente, não possuímos um registro fiel do mundo concreto, mas sim um documento possível de interpretação através de seu contexto histórico, seu autor, sua técnica e seu tema. Com essas interpretações podemos refletir acerca do real.

A artista plástica Laurencia Strauss, no mês de março de 2016, foi convidada a fazer parte do programa de residências da Galeria Península, na cidade de Porto Alegre, com o objetivo de realizar uma produção artística. A artista escolheu abordar em seu trabalho intitulado *Infiltração* (2016) a presença, e a ausência, das águas que antes faziam parte da cidade de Porto Alegre, como o antigo riacho e a margem aterrada do Guaíba. Laurencia problematiza a distância que se criou entre os habitantes da cidade e o lago. Elaborando intervenções com pequenos barcos utilizados em manifestações religiosas, a artista deposita esses materiais nos locais onde antes circulava o riacho e a antiga orla aterrada do Guaíba. Ela ainda utiliza embalagens de produtos referentes às grandes indústrias do sistema capitalista, o que pode ser visto como uma crítica ao crescimento industrial da cidade, que de certo modo “afogou” a vista do lago. Contudo, a vista ainda propaga a “aura” do Guaíba, que reside no pôr-do-sol, nas rodas de chimarrão, nos filhos de Oxum que entregam sua fé às águas, ou seja, o seu “espírito do lugar” (ICOMOS, 2008) vive nesta relação entre os habitantes de Porto Alegre e o conjunto de construções e áreas que cercam o lago.

Desde 1989, têm sido realizadas muitas exposições sobre as paisagens da cidade, utilizando obras do acervo da Pinacoteca Municipal de Porto Alegre Aldo Locatelli muitas delas retratando o lago Guaíba. Essas exposições são provas de como o acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli ilustra não apenas as diversas faces da cidade de Porto Alegre, mas também as diversas cores, luzes e momentos da orla do Guaíba. Através das exposições, é possível notar uma grande potencialidade de representações da cidade de Porto Alegre, por meio das muitas obras que retratam vários pontos da cidade, em especial o Guaíba. A Pinacoteca Aldo Locatelli, em si, já possui um caráter de representação da identidade da cidade, por ser um acervo municipal, mas mais ainda pelas temáticas de suas obras. Com isso, a instituição foi escolhida para a realização desta pesquisa, a fim de analisar as obras não apenas individualmente, mas também como um grupo pertencente a uma coleção que legitima identidades da cidade de Porto Alegre.

A Pinacoteca Aldo Locatelli nos apresenta um número relevante de pinturas que registram o lago, pelo menos cinqüenta obras têm como temática a orla, em técnicas como desenho, pintura, fotografia, gravura, entre outras. As obras trazem diversos elementos e diferentes pontos e aspectos cotidianos do lago Guaíba. Esta pesquisa tem como foco as pinturas, sejam elas a óleo ou aquarela, as quais entre os autores há nomes como Angelo Guido, Libindo Ferras, Luiz Maristany de Trias, Carlos Scliar, entre outros, que expressam seus olhares através das cores e brilhos da tinta. Podemos perceber nas pinturas escolhas de representação artística, que são reflexos transfigurados do real. Libindo Ferras, em sua obra *Ponte do Riacho* (1929), retrata uma ponte de pedra em que corre abaixo um pequeno riacho, com alguns barcos e homens trabalhando. Atualmente, a ponte de pedra é patrimônio tombado de Porto Alegre e encontra-se em estado degradado, sofrendo intervenções. Os quadros nos apontam mudanças sociais e culturais, bem como mudanças nos valores que atribuímos aos patrimônios históricos e até mesmo o significado que atribuímos ao termo “patrimônio”. Diante do aspecto de patrimônio que o lago Guaíba tem, nos perguntamos: por que ele é considerado patrimônio? Pois suas águas carregam memórias e os quadros que o retratam ecoam essa memória, bem como sua poética, trabalhada de forma atenciosa pelas mãos dos artistas.

A pintura é uma técnica em que o artista faz uma escolha da sua produção, dos elementos que serão retratados, de como será retratado, pois sua criação condiz em parte com o real (o que o pintor vê) e outra parte com a sua própria interpretação dele (o que ele imagina, ou como interpreta). Com isso, questionamos como os pintores representam a orla do Guaíba nas obras da Pinacoteca Aldo Locatelli? Quais são suas escolhas de representações? Quais elementos são retratados e de que forma?

Desse modo, esta pesquisa pretende analisar as pinturas através dos conceitos que definem a paisagem como patrimônio e o conceito de Espírito do Lugar, utilizando-se de um suporte material, o acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli. Com isso, a pesquisa aborda questões que envolvem a imaterialidade do patrimônio, ao abordar as identidades e práticas que se relacionam com a orla, ao mesmo tempo em que trabalha o patrimônio material, ao realizar uma análise de pinturas de um acervo artístico.

## 2 AS NUANCES ENTRE UMA PAISAGEM E OUTRA

Para mergulharmos nos quadros de pintura da Pinacoteca Aldo Locatelli e explorarmos seus aspectos museais e históricos, antes precisamos de um breve e profundo respiro pelas abordagens da pintura de paisagens e a paisagem no campo do patrimônio.

### 2.1 TRAJETÓRIAS DA PAISAGEM NA ARTE

Durante muito tempo a pintura foi uma das principais técnicas da arte, muito importante por buscar retratar o real e transmitir uma informação muito específica, a qual o artista ou o sujeito que a encomenda tem um objetivo com sua transmissão. Essas informações podem ser um registro de um fato, uma decoração, um motivo religioso, uma exaltação de poder, etc.

Mesmo que haja uma intenção de representar elementos do mundo, a pintura não pode ser vista como um retrato do real, pois ao olharmos um quadro, por exemplo, sabemos que alguém (pintor) elaborou uma imagem (símbolo), que pode ou não estar relacionada a algo real. Essa imagem não pode ser uma prova da existência daquilo que é retratado, pois não passa de uma codificação elaborada na mente do artista. (FLUSSER, 1985).

A temática da paisagem é, provavelmente, uma das mais tradicionais e que continuam em voga no campo das artes visuais. A paisagem diz respeito ao território, à natureza, à relação do homem com seu espaço e conseqüentemente também a sua história e suas identidades (RIBEIRO, 2007). O pintor, quando produz um quadro de paisagem, em si já está procurando transmitir uma informação, que primeiramente se relaciona a um lugar, mas também pode referenciar a um sentimento, a uma época, um movimento social, um evento, etc. A fim de estabelecermos uma base para a pesquisa, é necessário considerar a paisagem no seu aspecto de gênero artístico, porém sem nos prendermos ao olhar da história da arte.

As origens da paisagem como produção pictórica são diversas, mas dois caminhos podem ser definidos: a prática de retratar o ambiente através do registro

pictórico e o conceito de paisagem como gênero artístico. O homem medieval via a natureza como algo pecaminoso, por ser qualquer coisa do mundo terreno uma razão para o distanciamento do mundo divino (CLARK, 1961). Não havia motivo nem interesse da arte medieval expressar a terra, a natureza e seus elementos. Contudo, havia o uso do que Clark (1961) chama de *a paisagem de símbolos*. Segundo Clark, é possível observar nas ilustrações religiosas medievais ornamentos, ou decorações, representando elementos do mundo natural, porém sempre ligados à providência divina. A natureza era retratada apenas como algo simbólico, no sentido de não tentar representar a natureza, ou a paisagem como algo do mundo real. Foi no período gótico que a paisagem passa a ser mais utilizada, como um detalhe, um pouco tímido, no cenário para as ilustrações religiosas. Também vale ressaltar que a noção de perspectiva nas pinturas foi trabalhada mais incisivamente a partir do Renascimento, ainda que no período gótico algumas ilustrações já apresentassem noções de longe e perto. No Renascimento, a natureza era objeto de estudo e por isso tornou-se crucial na arte. Se na pintura gótica a paisagem era um mero preenchimento do horizonte, no renascimento as figuras antropomórficas usufruem da natureza, como se nascessem dela, como se nela tivessem raízes. Clark (1961) também aponta sobre a diferença entre a prática de retratar uma paisagem imaginária e a que busca retratar a paisagem real.

Cauquelin (2007) nos atenta para a criação de uma forma de linguagem da paisagem, em que nós transformamos a essência da natureza, ou seja, a realidade em si, em modos de expressão. Para Cauquelin (2007), a paisagem na arte surge na literatura, mais precisamente com a poesia grega. A paisagem, então, estaria totalmente ligada à descrição do natural, ilustrando a narrativa de um cenário. A pintura, então, viria moldar nosso olhar sobre a paisagem, criando algo que Cauquelin supõe como “máquina de ver a paisagem”, pois os pintores são criadores de ilusões e constroem imagens a partir de um conjunto de elementos, que por fim chamamos “paisagem”. Estabelecemos, então, um padrão de ver, bem como definimos uma ideia geral sobre o que é “paisagem”, sendo que a própria paisagem está ao nosso redor diariamente. Nós vivemos a paisagem, mas nós também a vemos e esse “ver” foi formado através do tempo, desde a descrição do natural, através da literatura, até as pinturas de montanhas, árvores e lagos.

A paisagem na arte chega ao seu auge entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, período da Revolução Industrial, a Europa. Com a chegada das máquinas a vapor e as grades fábricas, as cidades cresceram dando lugar aos migrantes do campo. Nesse período, a arte reflete a tensão entre *cidade x campo* (SALGUEIRO, 1997), ocasionando a grande produção de paisagens. Para Salgueiro (1997), no Brasil as paisagens ganham forma devido ao fluxo cultural entre Europa e Brasil, principalmente devido às viagens que foram disponibilizadas pela Academia Imperial de Belas Artes aos artistas, a partir de 1852. No Rio Grande do Sul, a produção de paisagens na pintura é marcada por artistas brasileiros e estrangeiros. Como na maior parte do Brasil, era comum existir entre os artistas que residiam em Porto Alegre um intenso intercâmbio para fins de conhecimento artístico. Artistas como Libindo Ferras (viajou para Itália em 1897), Torquato Bassi (estudou na França entre 1913 e 1914) e Pedro Weingartner (estudou em Berlim, Paris e Roma) faziam tanto viagens pelo Brasil como também para outros países, expondo seus trabalhos, ministrando ou assistindo aulas.

O contexto artístico do Rio Grande do Sul tem como ponto inicial as primeiras exposições de arte, organizadas por artistas, colecionadores. As mostras de artes começaram no final do século XIX e cresceram no século XX, mas não deram, desde o início, destaque para as artes plásticas. Um exemplo é a Grande Exposição Estadual de 1901, que contemplou uma sala expositiva que tinha como tema “Bellas Artes”, incluindo obras de pintura a óleo, aquarela, escultura e fotografia (Documento eletrônico<sup>1</sup>). Apesar da organização de uma sala artística, o viés ainda era muito técnico, bem como nos outros estandes da Exposição Estadual de 1901. Juntos às obras de artes foram apresentados mapas, objetos e projetos de engenharia. Já em 1903, ocorre o primeiro salão de arte, a Mostra Grupal de Artes Plásticas (KRAWCZYK, 2005). Em 1925, ocorre o Salão de Outono, a segunda mostra de arte da cidade, realizada no Paço Municipal. Outras mostras ocorrem, mas o que é essencial destacar aqui é que, pelo menos até a década de 1940, as mostras tinham em sua maioria a exposição de arte extremamente acadêmica. Já em São Paulo, ainda na década de 1920, a modernidade já estava presente em alguns círculos de artistas, como vemos na Semana de Arte Moderna de 22. O que vemos no campo artístico do Rio Grande

---

<sup>1</sup> Catálogo da Exposição Estadual de 1901. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/catalogodaexpos03bragoog#page/n14/mode/2up>>.

do Sul, durante o começo do século XX, é um forte zelo pelo acadêmico, o uso da tinta óleo, paisagens, retratos e formas realísticas.

O Modernismo chega como uma etapa de “desprendimento” à arte, mas como dito anteriormente, chega de modo tardio ao Rio Grande do Sul. Assim como a fotografia provocou rupturas, o Modernismo na arte também vem para quebrar alguns dogmas. Na pintura se aprimora o abstrato e os olhares dos artistas ganham novos direcionamentos. Um dos aspectos diferentes dos olhares artísticos é o aumento do aparecimento da urbanização às paisagens, as quais antes buscavam quase que exclusivamente o espaço bucólico. Nota-se também a mais livre a expressão das formas e pinceladas. Os artistas contemporâneos, nem sempre tão apegados às técnicas clássicas como desenho e pintura, mergulham na expressão do audiovisual, da intervenção urbana, do misto entre arquitetura, instalação, fotografia e outras técnicas para problematizar a relação atual entre a cidade e o lago. Distantes e tão próximos, separados por um muro.

Nos museus, encontramos os mais diversos tipos de produções de paisagens, pequenas janelas imaginárias nas paredes museais. Essas janelas representam visões artísticas muito particulares, mas que por vezes buscam trazer questões sociais referentes aos usos do espaço. Para além do campo das artes, o termo paisagem envolve também questões referentes à trajetória do conceito de patrimônio natural, as quais abordaremos nos seguintes tópicos.

## 2.2 A ORLA DO GUÁIBA E O *ESPIRITU LOCI*: RELAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE PAISAGEM CULTURAL E PATRIMÔNIO NATURAL

Seguimos, neste capítulo, com o conceito de paisagem, desta vez, aos olhos da área do patrimônio. Vale ressaltar que, quando tratamos da orla do Guaíba, estamos lidando com seu aspecto natural e também físico, ou seja, os patrimônios materiais ligados a ela. No caso desta pesquisa, podemos considerar como materialidade a arquitetura da orla, e de modo especial, os quadros da pinacoteca municipal.

O conceito de patrimônio natural, no âmbito nacional, surge com o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 (Documento eletrônico<sup>2</sup>), o qual *organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional*. Como consta no Capítulo I, art. 1, § 2º:

Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana. (BRASIL, 1937)

Além dessa constatação, foram criados na época quatro Livros Tombo administrados pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo que um deles era voltado para o tombamento de obras arqueológicas, etnográficas e paisagísticas. Portanto, já neste período eram definidos como bens patrimoniais os sítios e paisagens naturais. Desde então, o conceito de patrimônio natural foi crescendo, abarcando novas perspectivas, novas referências e novas relações. Segundo a carta da UNESCO, *Convenção para proteção do patrimônio mundial, cultural e natural* (Documento eletrônico<sup>3</sup>), de 1972, o patrimônio cultural se divide em três categorias: os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse. Definem-se locais de interesse como sendo as “Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.” (UNESCO, 1972, p. 2). Percebemos que a definição de *locais de interesse* abarca a relação entre *obras do homem* (ou objetos construídos pelo homem) com a natureza, não fazendo questão de segregar o natural e o humano.

O termo Paisagem Cultural surge na Geografia para definir a paisagem que possui tanto elementos construídos pelo homem, quanto elementos da natureza. Sua origem vem do início do século XX e é consolidada através do artigo *A Morfologia da Paisagem*, de Sauer (1998), em que é afirmado que:

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado. Sob a influência de uma determinada cultura, ela

---

<sup>2</sup> Disponível em:

<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_no\\_25\\_de\\_30\\_de\\_novembro\\_de\\_1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf)>.

Acesso em: 01 jun. 2016.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga. (SAUER, 1998, p. 59).

Percebemos que o conceito de Paisagem Cultural é formado pela ideia de *transformação* por meio da intervenção do homem em um ambiente natural. É claro que no contexto do artigo de Sauer, a intervenção humana era de certo modo um obstáculo, pois o foco de interesse para a Geografia eram as marcas na paisagem, feitas pela mão humana, mas não os aspectos culturais. Ainda assim, esse conceito inicial é nosso ponto de partida para a compreensão da Paisagem Cultural para o campo do patrimônio.

A Paisagem Cultural, segundo a portaria nº 127 de 30 de abril de 2009 do IPHAN (Documento eletrônico<sup>4</sup>), baseia-se na ideia de que os patrimônios culturais brasileiros são formados tanto por bens materiais quanto imateriais, tendo a intenção de preservação dos espaços de relação entre o habitante e o lugar em que reside ou atua. Incluem-se, com essa chancela, os bens de caráter natural, ou seja, paisagens naturais, bem como paisagens urbanas, sítios arqueológicos, paleontológicos, ecológicos e demais espaços de manifestação cultural. Nesta chancela, há uma intenção em salientar a interação do sujeito com o ambiente cultural.

Em *Paisagem Cultural e Patrimônio* (2007), Rafael Winter Ribeiro traça uma linha do tempo acerca do termo “paisagem cultural”, com um olhar baseado na Geografia, mas de maneira interdisciplinar, a fim de contribuir ao debate da paisagem como patrimônio cultural. Ribeiro ressalta as visões de teóricos que defendem o termo “paisagem cultural” como definição às paisagens naturais modificadas pelo homem, fazendo um contraponto às ações das políticas brasileiras até 2005, em que era feita uma distinção entre natural e cultural. Referente aos primeiros anos de atuação do SPHAN, Ribeiro afirma que:

Esse predomínio dos arquitetos, além de privilegiar durante décadas o bem arquitetônico em detrimento de outros, também levou a Instituição a trilhar um caminho em relação à paisagem. Em primeiro lugar, nota-se a pequena ação no tocante à paisagem natural, deixando esta em grande parte aos cuidados da legislação ambiental. Em segundo lugar, nota-se

---

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto\\_paisagem\\_cultural.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2016.

uma predominância da idéia de paisagem atrelada ao paisagismo e seu aspecto visual e planejado. Foi essa a abordagem mais corrente em relação à paisagem durante a maior parte do tempo ao longo da história do IPHAN. (RIBEIRO, 2007, p. 75).

Além de a paisagem cultural seguir um viés majoritariamente arquitetônico, ainda foi por muito tempo considerado o caráter tangível em distinção ao intangível. Essa questão é abordada na Declaração de Quebec (Documento eletrônico<sup>5</sup>), sobre a preservação do *spiritu loci* (2008) em que o tangível é descrito como a terra, os sítios, edifícios e paisagens no seu aspecto físico, enquanto o intangível diz respeito à memória, os festivais, os rituais, as narrativas e emoções. O espírito do lugar é a interação entre o tangível e o intangível de um patrimônio, mas mais do que isso é a alma que paira sob as relações sociais e afetivas do sujeito com seu patrimônio. De acordo com a Declaração de Quebec (2008, p. 2), “O espírito do lugar oferece uma compreensão mais abrangente do caráter vivo e, ao mesmo tempo, permanente de monumentos, sítios e paisagens culturais. Supre uma visão rica, mais dinâmica e abrangente do patrimônio cultural”. Portanto, a Carta de Quebec nos faz refletir sobre as categorias de patrimônio, que são muito mais complexas do que apenas a definição de critérios arquitetônicos e ambientais a uma paisagem, definindo aspectos tangíveis separadamente dos intangíveis, pois nos espaços de convívio, memória e afeto, o imaterial e o material não se dividem.

O *espírito do lugar* do Guaíba não está apenas em suas águas, não é exclusivamente um patrimônio natural. As relações de memória, pertencimento e sociabilidade também estão presentes em sua orla. Mais do que uma paisagem natural, a orla do Guaíba é um trajeto e no decorrer de seu percurso encontramos também patrimônios edificados. Além disso, sua orla, por ter sido em parte aterrada, faz com que os edifícios que ali residem estejam conectados diretamente com as águas.

---

<sup>5</sup> Disponível em:  
<[http://www.icomos.org/quebec2008/quebec\\_declaration/pdf/GA16\\_Quebec\\_Declaration\\_Final\\_PT.pdf](http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2016.

### 3 O ACERVO DA PINACOTECA ALDO LOCATELLI E O LAGO GUAÍBA

Para entendermos um acervo museológico, precisamos voltar o olhar às suas origens. Primeiramente, nos cabe a consciência de que o acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli não foi instituído, primordialmente, com a intenção de reunir obras de caráter regional. Neste capítulo, será abordado o contexto da pinacoteca, tendo o foco seu caráter de coleção do município e por isso sua importante ligação com a orla do Guaíba.

O acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli nasce da produção de retratos e bustos de figuras de renome, durante o século XVIII, período colonial em que a cidade ainda era governada apenas pela Câmara. Em 1773, com a oficialização de Porto Alegre, a Câmara, que tinha como sede Viamão, é transferida para a nova capital (Documento eletrônico<sup>6</sup>). Em suma, as câmaras funcionavam nas capitanias especialmente para atender às necessidades imperiais. Depois de instituída a República, as câmaras foram transformadas em Conselhos Municipais, os quais tinham como chefe do executivo os intendentess. A intendência não possuía uma sede fixa, até a construção do Paço Municipal<sup>7</sup>, que começa em 1898 e é finalizada em 1901 (Documento eletrônico<sup>8</sup>). Nesse cenário de trocas de cargos e sem definições de espaços que o acervo da prefeitura surgiu. Os retratos e bustos eram utilizados como decoração das antigas sedes da Câmara, e posteriormente da Intendência, sendo utilizadas com cunho decorativo por todo o Paço Municipal, inclusive de outros prédios do município. Em 1974, o acervo artístico da prefeitura é oficializado e, com isso, torna-se mais consistente e organizada a administração

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?p\\_secao=118](http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?p_secao=118)>. Acesso em: 01 jun. 2016.

<sup>7</sup> O edifício do Paço Municipal foi construído para ser a sede da Intendência de Porto Alegre. O primeiro intendente eleito, José Montauray de Aguiar Leitão, comprometeu-se com a construção da sede da Intendência. O Paço dos Açorianos, como também é chamado, está localizado na Praça Montevideu, nº 10, esquinada Rua Uruguai e Avenida Borges de Medeiros. O prédio está tombado por meio da Secretaria Municipal da Cultura.

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?p\\_secao=68](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?p_secao=68)>. Acesso em: 01 jun. 2016.

das obras de arte. A partir de 1975, houve uma crescente ocupação por meio de setores administrativos no Paço, o que fez com que o acervo fosse alocado no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, na década de 1980. Na década de 1990, o acervo é catalogado de forma mais concreta e decisiva. Em 2008, após reformas no prédio, as obras retornam ao Paço, já transformado em um espaço muito mais propício ao acervo, pois ganha sua atual reserva técnica.

Portanto, o acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli é composto por quadros que decoravam a Câmara, a Intendência e outros prédios públicos, bem como de novas aquisições, muitas feitas a partir da década de 70. Dentre as técnicas que encontramos pelo seu acervo estão: pintura, escultura, desenho, fotografia, entre outras. A missão de uma instituição estabelece um laço de união com o seu acervo. Qualquer obra de arte que adentra um museu de arte, precisa estar em sintonia com os objetivos da instituição, pois quando utilizada em exposições, transmitirá, de certa forma, o cerne do acervo. No caso da Pinacoteca Aldo Locatelli, por ser a pinacoteca municipal de Porto Alegre, sua alma tende a priorizar os artistas da cidade e do Estado, bem como a arte que retrata o povo e a terra gaúcha. Seu acervo é composto por quadros, esculturas, fotografias, tapeçarias, gravuras e outras técnicas artísticas, totalizando o volume de 1325 obras.

## 4 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa foi feita com abordagem qualitativa. O método consiste em utilizar as seguintes modalidades de coletas de dados: pesquisa documental e bibliográfica. Com isso, serão estabelecidas relações entre as obras e as biografias dos artistas e os conteúdos coletados das fontes documentais e bibliográficas.

### 4.1 CORPUS DA PESQUISA

Se fizermos uma pesquisa breve no arquivo de documentos museológicos da Pinacoteca Aldo Locatelli, certamente vamos encontrar uma série de materiais de exposições realizadas na instituição, como catálogos e convites. Dentre essas exposições, há constantemente a temática de paisagens, principalmente da cidade de Porto Alegre, região metropolitana e outras cidades do Estado. Grande parte das pinturas de paisagens do acervo tem como tema *marinha* e muitas outras retratam o lago Guaíba. A frequente presença do lago no acervo aponta a relevância que um dos pontos mais importantes da cidade representa à Pinacoteca Aldo Locatelli. Ao expor essas obras, a Pinacoteca possibilita ao visitante estabelecer relações diversas com a orla.

Primeiramente, foi feito um levantamento de todas as obras que representam o rio, de acordo com o banco de imagens da instituição. O critério principal eram obras que retratam o Guaíba, por isso foram incluídas todos os tipos de técnicas artísticas. Em um segundo momento, foi feita uma pesquisa através da lista de obras e cada obra que possivelmente fosse utilizada na pesquisa foi analisada fisicamente. Após o levantamento pelo acervo, foi estabelecido um recorte em que o critério de seleção se resumiu em obras da técnica de pintura.

Foram identificadas aproximadamente 50 obras de arte, em diversas técnicas, entre elas gravuras, pinturas, desenhos e fotografias, que retratam o lago

Guaíba. Em decorrência da necessidade de um recorte para a realização da pesquisa, foram selecionadas apenas as pinturas.

O material a ser analisado consiste em 19 obras do acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli. As obras são pinturas nas modalidades de: pintura a óleo, aquarela e pigmento e cola vinílica. A escolha de pesquisar apenas pinturas deu-se por conta da necessidade de um recorte, visto que a análise qualitativa tem como objetivo a análise individual e não quantifica os resultados. O período de produção dos quadros é entre o final do século XIX e segunda metade do século XX. O critério para a seleção das obras foi representação do lago Guaíba, sua orla, seu imaginário e seus significados para a construção da cidade de Porto Alegre. Os quadros que representavam rios, riachos, ou marinha em geral e que não possuíam certificações de que retratavam o lago não foram consideradas. Apenas inclui nessa seleção obras que retratam o rio, confirmadas através de documentação histórica ou por meio do título da obra. Também foram descartados casos de pouca relevância para a pesquisa e casos em que não existiam imagens e documentações suficientes da obra no arquivo da Pinacoteca.

Os artistas a serem pesquisados são: João Altair de Barros, Torquato Bassi, Libindo Ferras, Ângelo Guido, Carlos Scliar, Silva Affonso, Luiz Maristany de Trias, J. Madaloni Bertoni, Otaviano Furtado, Rodolfo Marik, José de Francesco, Edgar Koetz, Otto Dinger e NESMARO (Nestor Marques Rodrigues).

#### 4.2 INSTRUMENTOS DE NAVEGAÇÃO

Neste sub-capítulo, abordaremos os instrumentos utilizados nesta pesquisa. Para a realização da análise foram elaboradas questões baseadas nos métodos de Panosky e Gervereau.

Panofsky (2002) trata a análise de imagem através da iconologia. O método consiste em descrever a obra de forma pura, que quer dizer apontar os elementos que compõe a imagem da maneira mais neutra possível. No segundo momento, o pesquisador deve estabelecer conexões entre os elementos descritos, a fim de identificar figuras, personagens, significados, representações. A última etapa, a iconologia em si, liga os elementos levantados pela análise pré-iconográfica, a iconográfica com os contextos de produção da obra, a estilística,

representatividade do autor, dados bibliográficos, documentos, fotografias, entre outras fontes.

No que diz respeito ao método Panofsky, foram elaboradas as seguintes questões, que consideram a descrição da obra – não se trata da descrição pré-iconográfica, pois Panofsky se detém às imagens renascentistas - e as relações com o contexto da obra e o autor. No caso consideramos a primeira e segunda etapa do método Panofsky:

- Quais elementos são representados?
- Quais edificações?
- Quais sujeitos?
- Qual o ponto da cidade? (Qual bairro/rua)
- Como é representado? (Questões estilísticas e técnicas)
- Qual período histórico representado?
- Qual a relação entre obra e seu contexto?

A respeito ao método de Gervereau (2007), o autor elabora uma Grelha de Análise, em que três etapas são estabelecidas: *descrição*, *evocação do contexto* e *interpretação*. A abordagem se baseia nas análises da história da arte, da história e da semiótica. No que diz respeito às descrições, Gervereau se inspira nos historiadores de arte; quanto à *evocação*, inspira-se nos historiadores; a interpretação é inspirada pelos semiólogos. De acordo com os objetivos da análise e devido ao uso do método Panofsky, foram feitas algumas alterações no modelo de Gervereau. Com base na Grelha de Análise, as seguintes questões foram elaboradas:

- Autor;
- Técnica utilizada;
- Período de produção;
- Título da obra;
- Volume;
- Relação entre título e obra.

Foram coletadas informações biográficas de cada artista, em meios biográficos e fontes do acervo documental da Pinacoteca. Com isso, foi possível criar um resumo da vida de cada artista, a fim de identificar sua trajetória de produção artística e especificamente os períodos em que as obras foram produzidas. Com a linha do tempo temos o objetivo de relacionar a produção do artista com o contexto da época.

Em paralelo a essas questões, foram consideradas constantemente as obras de arte em seu caráter museológico e que, portanto, fazem parte de um acervo, gerenciada pela prefeitura. Considerar o aspecto museológico dos objetos significa que consideramos o quadro como um todo, não apenas o que é retratado, mas também o seu contexto de produção, por que foi produzido, se há inscrições, se há intervenções, seus contextos expositivos e sua trajetória como objeto museológico. Dessa forma, não analisamos os quadros apenas pelo seu caráter artístico, mas também como um *objeto de museu*, que é fonte de informação e que faz parte de uma coleção que tem como objetivo principal a identidade artística porto-alegrense e rio-grandense.

Em complemento a esse método, estará aliado o uso da pesquisa documental e bibliográfica, em documentos da Pinacoteca Aldo Locatelli, livros/publicações e quando necessárias pesquisas em outras instituições de acervos artísticos. Para a organização das informações obtidas, os dados coletados através das questões formuladas, foram esquematizados em quadros correspondentes a cada obra.

## 5 AS PEQUENAS JANELAS INUNDADAS DE MEMÓRIA

Neste capítulo, desenvolveremos a análise das obras, através dos quadros desenvolvidos para cada uma delas.

**Quadro 1-** As Lavadeiras na Praia do Riacho



Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Otto Dinger  
 Título: As lavadeiras na Praia do Riacho  
 Data: 1899  
 Técnica: óleo sobre tela

<p><b>Paisagem (descrição)</b>          Praia do Riacho; Cúria Metropolitana; Avenida Loureiro da Silva; lavadeiras; árvores; início do século XX.</p>	<p><b>Biografia do Autor<sup>9</sup></b>          Pintor. Diplomado pela Universidade de Berlim e Dusseldorf. Chegou ao Brasil no final do século XIX e esteve em Porto Alegre, onde expôs em 1899 algumas telas, na Seção de Artes do Preço Fixo, tendo sido elogiado pela imprensa, entre informações de que aceitaria encomendas de retratos e quadros a óleo.</p>	<p><b>Trajetória do objeto</b>          - 25/03/15 à 24/04/15 - "Paisagens Porto Alegre Coleção Fernando Cacciatore de Garcia" - Pinacoteca Ruben Berta           Doação: Fernando Cacciatore</p>
--	---	---

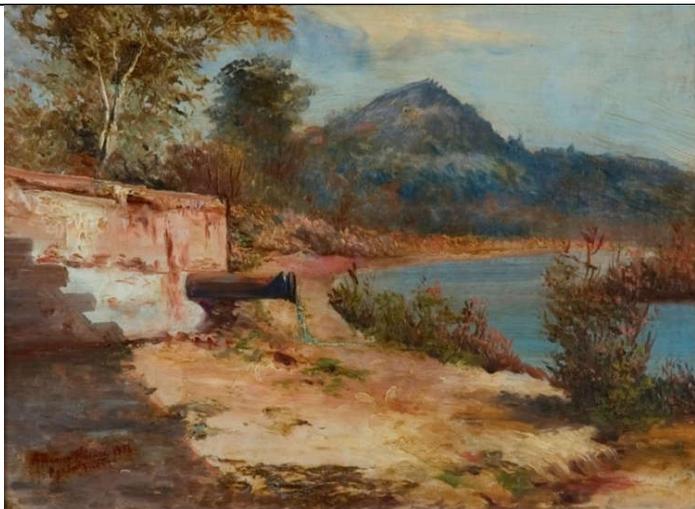
O quadro retrata a Praia do Riacho, atual Avenida Loureiro da Silva, antes do aterro. Antes de qualquer análise, precisamos ressaltar que Otto Dinger é mais um artista estrangeiro que vem retratar nossa cidade.

<sup>9</sup> As informações a respeito das biografias dos artistas, neste capítulo, foram obtidas através das fontes: *Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul* (2000); *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos* (1973) e documentação do Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

O primeiro detalhe que notamos são as pessoas na imagem, pois como veremos adiante, a maioria dos quadros não retratam figuras humanas. As pessoas retratadas não são de renome, não possuem nomes de rua, mas são trabalhadores humildes do século XVIII. Na época, logo após a abolição da escravidão, as mulheres negras exerciam serviços domésticos, como cozinhar, passar e lavar, visto que qualquer outro tipo de trabalho não será disponibilizado para ex-escravizados. Podemos ver também que a região não era habitada por pessoas abastadas, pelo contrário, a região era considerada de má circulação por conta do lixo despejado, como é possível notar na edição do jornal *A Federação*, de 7 de junho de 1888. Também vemos no jornal *A Federação*, que ocorriam casos de aparecimento de corpos próximos a região da Ponte de Pedra, como por exemplo, na edição do dia 6 de dezembro de 1889.

É interessante que, uma região considerada suja, onde era comum o despejo de lixo e ocasionalmente eram encontrados cadáveres, chamar atenção de um pintor alemão. Dinger retrata lindamente a Praia do Riacho, captando agentes sociais que normalmente não eram registrados naquela época em quadros. Podemos ver um homem descansando, duas mulheres conversando, alguns outros trabalhando e ao fundo, no canto esquerdo, também há algumas pessoas, deixando a cena captada por Dinger muito cotidiana. Tudo isso, acaba contrastando muito com os quadros que analisaremos a seguir.

## Quadro 2 - Paisagem



Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Affonso Silva  
 Título: Paisagem  
 Data: 1916  
 Técnica: óleo sobre madeira

<p><b>Paisagem (descrição)</b>          Cano de esgoto; área rural; árvores; vegetação; morro; Zona sul de Porto Alegre; início do século XX.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b>          Pintor. Porto Alegre, 1866 - Porto Alegre, 1945.          Viveu no RJ até 1908. Em Porto Alegre, dedica-se a fazer marinha, além de fazer inúmeros cenários. Expôs e, Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre.</p>	<p><b>Trajatória do objeto</b>          - 15/01 à 04/03/1991 - "Projeto Rio Guaíba" - Grande Galeria/MARGS          - 05/12/1995 à 07/04/1996 - "Pioneiros, tintas e pincéis" - Sala Berta-Locatelli/MARGS          - 25/01 à 12/03/2000 - "Caminhos da paisagem" - Sala Berta-Locatelli/MARGS          - 02/07 à 30/09/2004 - "Descendência acadêmica" - Sala Berta-Locatelli/MARGS          - 25/07 à 15/09/2006 - "Imagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal          - 08/8 a 11/10/13: "Lonjuras" - Sala Aldo Locatelli - Paço Municipal          - 10.9.15 a 26.02.16 - "Quando o longe é perto: a paisagem entre 1890 a 1948" - Sala Aldo Locatelli Paço Municipal.</p> <p>Procedência: ---</p> <p>Cond. físicas: 1986 - Leila Sudbrack: "Verniz oxidado, perdas generalizadas de pigmentos, readaptação do suporte à moldura. Moldura necessita restauro ou substituição".          Restaur.: 27/04 à 09/1999 - Restaurada por Lenora Rosenfield e Naida Vieira Correia/RESTAURART</p>
---	---	--

**Quadro 3 - Paisagem: vista do Cristal**

Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Affonso Silva

Título: Paisagem – Vista do Cristal

Data: 1917

Técnica: óleo sobre madeira

<p><b>Paisagem (descrição)</b></p> <p>Construções; cerca; casa; vegetação; árvores; pedras; morro; bairro Cristal; zona sul de Porto Alegre; início do século XX.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b></p> <p>Pintor. Porto Alegre, 1866 - Porto Alegre, 1945.</p> <p>Viveu no RJ até 1908. Em Porto Alegre, dedica-se a fazer marinha, além de fazer inúmeros cenários. Expôs e, Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre.</p>	<p><b>Trajetória do objeto</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 15/01 à 04/03/1991 - "Projeto Rio Guaíba" - Grande Galeria/MARGS</li> <li>- 28/05 à 30/06/1991 - "Paisagem" - Sala Aldo Locatelli/MARGS</li> <li>- 28/10 à 24/11/1992 - "A Cidade na memória" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 26/03 à 30/04/1993 - "A Cidade na memória" - Museu de Porto Alegre</li> <li>- 07 à 10/11/1995 - "Porto Alegre em la memória" - Salón de los Pasos Perdidos/Buenos Aires/Argentina</li> <li>- 05/12/1995 à 07/04/1996 - "Pioneiros, tintas e pincéis" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 09/01 à 31/03/2002 - "Porto Alegre na memória" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 02/07 à 30/09/2004 - "Descendência acadêmica" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 25/07 à 15/09/2006 - "Imagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal</li> <li>- 08/8 a 11/10/13: "Lonjuras" - Sala Aldo Locatelli - Paço Municipal</li> <li>- 10.9.15 a 26.02.16 - "Quando o longe é perto: a paisagem entre 1890 a 1948" Sala Aldo Locatelli Paço Municipal.</li> </ul> <p>Procedência: Doador pela Srª Inge Gerdau Cond. físicas: 1986 - Leila Sudbrack: "Muitas perdas de pigmento (generalizadas), danos causados por insetos, pequenas escoriações (céu) e verniz oxidado".</p> <p>Moldura: - 01/1992 - Simples c/ passe-partout (sujeidades): 38,0 x 48,5 cm</p>
---	---	---

Em ambas as paisagens de Affonso Silva, podemos ver o antigo cenário rural da zona sul da cidade. É um cenário agradável, porém nos chama a atenção, na obra *Paisagem*, de 1916, a clara figura de um cano de esgoto.

No contexto das imagens (1916-1917), o cenário na época servia para o lazer, onde muitas famílias passaram a utilizar, durante a primeira metade do século XX, como local de veraneio (MACHADO, 2014). Ao mesmo tempo em que era comum banhar-se em “prainhas” da zona sul, onde agora estão bairros como Cristal, Tristeza, Ipanema e Assunção, também havia na época o costume de despejar os dejetos no Guaíba. Os dejetos eram transportados pela Estrada de Ferro do Riacho, construída no final do século XIX. Inicialmente, a Estrada transportava os dejetos até a atual vila Assunção, até um local conhecido como Ponta do Dionísio. Lá, eram despejados os dejetos, para então os cabungos (caixotes) serem lavados e levados de volta ao centro da cidade. Em 1912 foi instalado o primeiro sistema de esgotos a cidade, em que os dejetos eram simplesmente jogados no rio<sup>10</sup>.

Há uma ambigüidade entre as duas imagens, pois se analisarmos aos olhos de hoje, vemos uma paisagem bela, com ar refrescante, convidativo, digno da imagem criada das casas de veraneio do início do século XX, enquanto temos na outra imagem um cano de esgoto, que estaria a poluir esse local de veraneio e infectar os moradores da cidade.

---

<sup>10</sup> As informações a respeito do desenvolvimento da cidade, deste capítulo, foram baseadas na linha cronológica da tese *O Território Mito da Orla Antropologia de Conflitos Marcantes*, de Ana Paula Marcante Soares.

Quadro 4 - Porto Alegre vista do Cristal



Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Torquato Bassi  
 Título: Porto Alegre vista do Cristal  
 Data: 1919  
 Técnica: óleo sobre tela colada sobre suporte rígido

#### Paisagem (descrição)

Estrada de chão; vegetação; árvores; ao longe, no centro da imagem, é possível ver a atual área do centro da cidade, a região mais alta é a Rua Duque de Caxias; início do século XX.

#### Biografia do Autor

Pintor, escultor e decorador. Ferrara, Itália, 1880 - São Paulo, 1967. Mudou-se para o Brasil em 1893. No início do século XX, viaja pelo Sul e Nordeste do Brasil. Dedicou-se à pintura de paisagens e de naturezas-mortas. Há nesse período uma tensão entre a tradição da pintura europeia e a busca por uma pintura nacional, com inspiração em paisagens, cores e temas brasileiros. Torquato Bassi situa-se entre a corrente representada por Pedro Américo (1843-1905), de caráter europeu, e o nacionalismo regionalista de Almeida Junior (1850-1899).

#### Trajatória do objeto

- 29/03 à 10/04/1989 - "A Porto Alegre que eu vejo I" - Galeria I/MARGS.
- 25/03 à 06/04/1991 - "A Porto Alegre que eu vejo II" - Sala Adel Carvalho/CMPA.
- 07/05 à 28/06/1998 - "Porto Alegre no Acervo" - Sala Berta-Locatelli/MARGS.
- 25/07 à 15/09/2006 - "Imagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal.
- 21/03 à 09/04/2009 - "Primeira Margem" - Sala da Fonte/Paço Municipal.
- 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal
- desde 12/04/2011 - Corredor da Gestão/Acervo permanente/Paço Municipal
- 08/8 a 11/10/2013 - "Lonjuras" - Sala Aldo Locatelli - Paço Municipal

Procedência: doação.

Cond. físicas: 1994 - Naida Vieira Correia: "A obra foi estruturada, a tela foi colada em eucatex. Encontra-se em razoável estado de conservação.

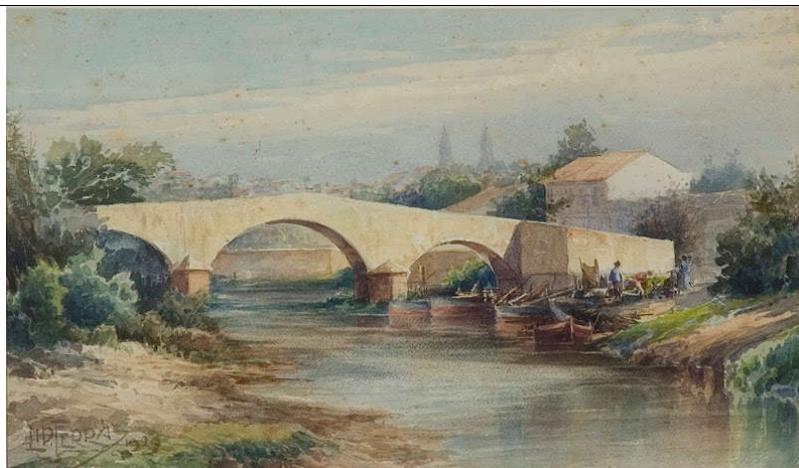
Escoriação no lado direito necessita de restauro. Temperatura: 26°C; Umidade 68% no local em que se encontra: CMPA. 17/01/1994".

Restau.: 1994 - Naida Vieira Correia - Conservação: "A obra foi higienizada frente e verso".

- 19/07 à 13/12/2010 - Restaurada por Lenora Rosenfield/RESTAURART

Provavelmente a pintura possui um olhar que hoje teríamos se estivéssemos em frente à Fundação Iberê Camargo, no bairro Cristal. O título também nos explica: vista do Cristal. É possível ver o antigo presídio na ponta da ponta da margem. Antes do aumento da urbanização, pelo menos até a primeira metade do século XX, a Rua Duque de Caxias era de muito fácil visualização, por ser o ponto mais alto do centro. Na imagem, podemos identificar as torres da igreja das Dores, localizada na Rua da Praia. Se seguirmos a linha das torres, imaginando agora pensando na Rua Duque de Caxias, podemos ver outras duas pequenas torres, ao lado de um casarão. Esses são, possivelmente, a antiga Catedral e o Palácio Piratini, mas ainda desocupado.

O artista captou o centro da cidade, na época também poderia ser considerado o coração, de um ponto ainda muito rural. No contexto de 1919, o atual bairro Cristal se tornava um local de famílias nobres, descendentes dos imigrantes alemães. Também fazia parte do trajeto do “Trenzinho da Tristeza”, o trem que vinha do centro, costeando a margem do Guaíba, até chegar à zona sul onde eram despejados os dejetos recolhidos pela cidade (MACHADO, 2014). Um pouco depois do local de onde está o espectador, no atual Hipódromo do Cristal, estava instalado nesse contexto de início do século XX a Hospedaria de Imigrantes, edifício onde eram recebidos e acomodados os imigrantes alemães e italianos. Também na primeira metade do século XX, a zona sul da cidade fora dividida em balneários, tornando-se zona de veraneio para famílias mais nobres.



Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Libindo Ferras  
 Título: Ponte do Riacho  
 Data: 1929  
 Técnica: Aquarela sobre papel

#### Paisagem

Ponte; Ponte de Pedra;  
 riacho, vegetação; homens  
 em atividade; barcos;  
 construções; século XX.

#### Biografia do autor

Pintor. Porto Alegre, 1877 - Rio de Janeiro, 1951

Estudou na escola Politécnica do Rio de Janeiro. Viaja para Itália e lá permanece entre 1897 a 1899 (esteve em Roma, Nápoles, Turim e Milão). Na Itália estudou em Joris, Ferrara e Basile. Em Poa com Ricardo Albertazzi. Foi um dos fundadores do Instituto de Belas Artes.

#### Trajatória do objeto

- 29/03 à 10/04/1989 - "A Porto Alegre que eu vejo I" - Galeria I/MARGS  
 - 27/03/1990 - Curso "Iniciação à arte gaúcha" - José Augusto Avancini/MARGS  
 - 27/03 à 13/06/1990 - "Conhecendo nossos artistas" - Sala Aldo Locatelli/MARGS  
 - 15/01 à 04/03/1991 - "Projeto Rio Guaíba" - Grande Galeria/MARGS  
 - 25/03 à 06/04/1991 - "A Porto Alegre que eu vejo II" - Sala Adel Carvalho/CMPA

#### Trajatória do objeto

- 10 à 23/03/1992 - "Resgatando a arte..." Saguão do Centro Municipal de Cultura  
 - 27/08 à 25/10/1992 - "MARGS por Olívio Dutra" - Sala Berta-Locatelli/MARGS  
 - 28/10 à 24/11/1992 - "A cidade na memória" - Sala Berta - Locatelli/MARGS  
 - 26/03 à 30/04/1993 - "A cidade na memória"- Museu Joaquim José Felizardo  
 - 30/01 à 20/03/1994 - "Arte restaurada" - Sala Berta-Locatelli/MARGS  
 - 07 à 10/11/1995 - "Porto Alegre en la memoria" - Salón de los Pasos Perdidos Buenos Aires/Argentina  
 - 05/12/1995 à 07/04/1996 - "Pioneiros, tintas e pincéis" - Sala Berta-Locatelli/MARGS  
 - 23/09 à 06/11/1998 - "Libindo Ferraz e Francis Pelicheck" Projeto "Caixa Econômica Federal - CEF  
 - 09/01 à 31/03/2002 - "Porto Alegre na Memória" - Sala Berta-Locatelli/MARGS.  
 - 02/07 à 30/09/2004 - "Descendência Acadêmica" - Sala Berta-Locatelli/MARGS.  
 - 11/04 à 17/07/2006 - "Paisagens Urbanas" - Sala Berta-Locatelli/MARGS.  
 - 25/07 à 15/09/2006 - "Imagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal.  
 - 28/6 a 23/8/2011 - "Labirintos da Iconografia" - MARGS  
 - 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal  
 - 10.9.15 a 26.02.16 - "Quando o longe é perto: a paisagem entre 1890 a 1948" Sala Aldo Locatelli Paço Municipal.  
 -25/6 a 21/8/16 - "A modernidade impressa" - Curadoria Paula Ramos - Margs

Cond. físicas:- 1991 - Pequenas manchas e pontos danificados por traças.

Restau.:- 11/12/1991 - Restaurado por Lenora Rosenfield e Naida Vieira Correia/RESTAURART.

- 14/09 à 04/11/2009 - Restaurado por Naida Vieira Correia e Andréa Bachettini/RESTAURATUS.

A Ponte do Riacho, também chamada de Ponte dos Açorianos, é representada nessa aquarela que retrata um ambiente luminoso e com muita vegetação. Nesta época há uma busca pelo bucólico, o que indica uma interpretação romântica da ponte, aos olhos de Libindo Ferras.

Os homens, presentes no canto direito da imagem, que parecem se ocupar com alguma atividade, são os canoieiros, que transportavam cargas pelo riacho, abastecendo as casas da atual região da Cidade Baixa e também costumavam transportar pessoas. Podemos notar ao fundo a Igreja das Dores, a qual atualmente não é possível visualizar nesse ponto da cidade. Na pintura de Libindo, também podemos notar os pilares da ponte, que mais tarde ficariam submersos, após a canalização do riacho. A ponte de Pedra é uma das construções mais antigas da cidade. Foi feita para substituir uma ponte de madeira que foi se desgastando e precisando ser muito reformada. Então, Conde de Caxias decide construir uma ponte definitiva. A Ponte de Pedra tem sua construção iniciada em 1846 e sua finalização foi em março de 1848. Seu processo de tombamento se inicia em 1971 e sua oficialização ocorre em 1979. Porém, como podemos perceber, há anos a ponte serve como marco para cidade, seja pela sua antiguidade, pelo seu valor social, ou simplesmente por ter se tornado um símbolo patrimonial muito antes de seu tombamento.

Talvez Libindo Ferras tenha nos transmitido uma imagem da ponte demasiada romântica, mas certamente o pintor imortalizou a ponte em sua obra. Libindo conseguiu registrar a vegetação do riacho, o cotidiano dos trabalhadores, tão importantes.

Quadro 6- Mercado de Porto Alegre



Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Ângelo Guido  
 Título: Mercado de Porto Alegre  
 Data: 1935  
 Técnica: óleo sobre cartão

<p><b>Paisagem (descrição)</b></p> <p>Mercado Público; barcos a vela; homens em atividade; início do século XX.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b></p> <p>Pintor e desenhista. Cremona, Itália, 1893 - Pelotas, 1969.</p> <p>Chega a São Paulo em 1895. Foi aprendiz artístico no Liceu de Belas Artes e Ofícios de SP. Visita Bahia em 1912 e decora o Salão do Instituto Histórico e Geográfico, em Salvador. Em 1914 passa a residir em Santos. Expõe com Benedito Calixto, em 1922. Fixa-se em Porto Alegre, em 1925. Participa da Exposição do Centenário Farroupilha, em 1935. Em 1936 é nomeado para cadeira de História da Arte na Escola de Artes do Rio Grande do Sul. Foi premiado pelo Salão de Belas Arte em 1940 e 1953. Dirigiu a Escola de Artes da UFRGS entre 1959 e 1962. É professor emérito. Sua pintura apresenta cenas rurais, urbanas, marinhas e paisagens com um colorido muito pessoal e luminoso.</p>	<p><b>Trajectoria do objeto</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 29/03 à 10/04/1989 - "A Porto Alegre que eu vejo I" - Galeria I/MARGS</li> <li>- 11/04 à 19/05/1996 - "Imigrantes italianos" - Sala Berta- Locatelli/MARGS</li> <li>- 25/07 à 15/09/2006 - "Imagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/MARGS</li> <li>- 16/03 à 09/04/2009 - "Primeira margem" - Sala da Fonte/Paço Municipal</li> <li>- 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal</li> <li>- desde 08/4/2013 - exposta na parede do corredor da RT (porta do prefeito), na lateral direita.</li> <li>- 08/8 a 11/10/13: "Lonjuras" - Paço Municipal</li> <li>- 30/10/13 a 07/03/14 - "Paisagens em Meios-tons - 120 anos de Angelo Guido" - Sala Fonte - Paço</li> </ul> <p>Cond. físicas: - 1994 - Naida Vieira Correia: A obra está com sujidades generalizadas.      Bom estado. Temperatura: 25C°, Umidade 36%.      Obs.: - Escrito no verso: "Ouro c/ ouro, músicos, palha".</p>
---	---	--

Ângelo Guido, assim como Maristany, traz traços impressionistas e é um dos artistas que mais se importou com a presença da luz e cor nas pinturas, sempre obtendo um resultado muito semelhante com a realidade.

Nessa obra é retratado o Mercado Público de Porto Alegre, ainda com um pavimento apenas. Apesar de a obra datar de 1935, o segundo pavimento do Mercado foi construído em 1912. O Mercado sempre foi um local de comércio, de troca e descarga, também é ponto de memória negra da cidade, cercada pelo imaginário da população, devido à lenda de que Príncipe Custódio teria depositado o Bará (orixá) no centro do Mercado Público.

Podemos nos perguntar por que Ângelo Guido pintaria o Mercado com apenas um pavimento, mais de vinte anos depois da construção do segundo. Em 1935, Guido é um dos organizadores da Exposição do Centenário Farroupilha e também atua como jurado. Ângelo Guido poderia ter exposto sua obra na Exposição do Centenário, mas o que podemos afirmar é que sua principal motivação para pintar uma cena do início do século XX da cidade, foi uma nostalgia, comentada por ele próprio, no *Diário de Notícias*, de 1958. Guido foi por anos escritor do jornal *Diário de Notícias*, escrevendo críticas e resenhas sobre o cenário artístico da cidade. Na edição de 30 de março de 1958, Guido publica um texto comentando sobre o saudosismo que sentem os artistas mais veteranos, dos antigos cenários e paisagens de Porto Alegre. Segundo dele, havia na cidade, em cada cantinho dela, uma aura que os convidava a pintar e que a alma de Porto Alegre havia mudado, por conta do progresso.

De fato, olhando para o quadro *Mercado de Porto Alegre*, com essas cores vibrantes, esse Guaíba tão próximo e movimentado, parece mesmo ter uma alma diferente do que vemos hoje.

**Quadro 7 - Docas: barcos de Navegantes**

Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Luiz Maristany de Trias

Título: Docas – Barcos de Navegantes

Data: 1940

Técnica: óleo sobre madeira

<p><b>Paisagem (descrição)</b></p> <p>Barcos a vela; construções; Cais Navegantes; Centro Histórico; século XX.</p>	<p><b>Biografia do autor</b></p> <p>Maristany de Trias. Pintor e professor. Por volta de 1906, mudou-se com a família para Buenos Aires até 1937. Durante esse período realizou exposições em diversas cidades da Argentina, do Chile, em Montevideu e no Rio de Janeiro, viajando também pela Europa, expondo na Itália e Espanha. Em 1938 recebeu o convite para lecionar anatomia artística e paisagem no Instituto de Belas Artes (atual Instituto de Artes) em Porto Alegre. Participou dos Salões organizados pelo IBA, tendo recebido o prêmio Barão de Santo Ângelo, em 1940, pelo quadro Vendedores de Laranjas – Navegantes.</p>	<p><b>Trajetória do objeto</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 29/03 à 10/04/1989 - "A Porto Alegre que eu vejo I" - Galeria I/MARGS</li> <li>- 05/04 à 08/05/1990 - "Porto Alegre vista por seus artistas "Galeria II/MARGS</li> <li>- 15/01 à 04/03/1991 - "Projeto Rio Guaíba" - Grande Galeria/MARGS</li> <li>- 25/03 à 06/04/1991 - "A Porto Alegre que eu vejo II" SalaAdel Carvalho/CMPA</li> <li>- 28/10 à 24/11/1992 - "A cidade na memória" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 26/03 à 30/04/1993 - "A cidade na memória" - Museu de Porto Alegre</li> <li>- 07 à 10/11/1995 - "Porto Alegre enla memória" - Salón de los Pasos Perdidos Buenos Aires/Argentina</li> <li>- 07/05 à 28/06/1998 - "Porto Alegre no acervo" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 25/01 à 12/03/2000 - "Caminhos da paisagem" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 25/10 à 31/12/2000 - "Pinacoteca Aldo Locatelli" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 09/01 à 31/03/2002 - "Porto Alegre na memória" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 04/01 à 06/04/2005 - "Estrangeiros" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> </ul>
<p><b>Trajetória do objeto</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 25/07 à 15/09/2006 - "Imagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal</li> <li>- 16/03 à 09/04/2009 - "Primeira Margem" - Sala da Fonte/Paço Municipal</li> <li>- 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal</li> <li>- 08/8 a 11/10/13: "Lonjuras" - Paço Municipal</li> </ul> <p>Restau.: - 1998 - Restaurada por Naida Vieira Correia.</p> <p>Obs.: - Consta no verso: Título XLVI Salão Nacional de Belas Artes Assinatura do autor - POA 1940</p>		

O quadro retrata, de modo agitado, com formas confusas, com uma sensação de movimento típica do artista, uma cena do antigo Cais Navegantes, no centro da cidade. Nas cores predominam o azul, a iluminação parece um pouco baixa, mas clara, como se fosse próxima ao amanhecer.

O contexto da obra, década de 1940, nos traz um cenário artístico ainda muito acadêmico, com muitos adeptos da pintura de paisagens. O artista nos apresenta uma obra pouco bucólica, em que está marcado o trabalho e o improvisado dos Cais da cidade. Não é uma cena romântica em que há figuras heróicas e um clima de tranquilidade. A vela cheia nos aponta o movimento do barco. Na cena, trabalhadores em movimento, talvez a recém chegando das águas.

Vale ressaltar que Maristany costumava pintar ao ar livre, então provavelmente o artista teve contato direto com o Cais. Também esse quadro não foi o único que o artista pintou de Navegantes. Aliás, muito foi procurada a Doca de Navegantes pelos artistas da cidade.

É comum a população de Porto Alegre e até mesmo é fácil encontrarmos obras de artistas que retratam o Cais do Porto, mas Maristany nos possibilita uma visão poética do Cais Navegantes, que talvez pela sua localização se encontre mais distante dos olhares e corações dos habitantes da cidade.

**Quadro 8- Canhoneira Marajó**

Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Otaviano Furtado  
 Título: Canhoneira Marajó  
 Data: 1940  
 Técnica: Óleo sobre cartão

**Paisagem (descrição)**

Barcos; disparo contra a margem;  
 bombardeio; Canhoneira Marajó;  
 final do século XIX.

**Biografia do Autor**

Possivelmente expôs na Exposição  
 Comercial e Industrial, de 1901,  
 apresentando 4 pinturas de paisagens e 4  
 medalhões. Participou do Salão de Outono,  
 em 1925, que aconteceu na Intendência de  
 Porto Alegre, junto de nomes como  
 Pelichek, Afonso Silva, Fahrion, Sotero  
 Cosme, entre outros.

**Trajatória do objeto**

- 25/01 À 12/03/2000 - "Caminhos da  
 paisagem" - Sala Berta-  
 Locatelli/MARGS.  
 - 16/03 à 09/04/2009 - "Primeira  
 margem" - Sala da Fonte/Paço  
 Municipal.  
 - 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de  
 Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli,  
 Paço Municipal  
 - 10/9/15 a 26/02/16 - "Quando o  
 longe é perto: a paisagem entre 1890  
 a 1948" Sala Aldo Locatelli Paço  
 Municipal.

Cond. físicas: - 1986 - Leila  
 Sudbrack: "Danos causados por  
 insetos, manchas, embolsamento do  
 suporte, vestígios de insetos,  
 principalmente necessitando  
 substituição."

Restau.: 06/07 à 27/07/2011 -  
 Restaurada por Lenora  
 Rosenfield/RESTAURART

Obs.: - Informações sobre moldura  
 em 01/1991: Larga, ornada. Perda de  
 gesso em alguns pontos: 37,2 x 45,0  
 cm

O quadro representa uma cena do bombardeio emitido pela Canhoneira Marajó, em junho de 1892. A República Velha, no Rio Grande do Sul, foi um período de conturbações políticas, onde muitas revoltas demonstravam a forte e violenta disputa entre republicanos e federalistas. Em um momento de conflito, parte do grupo federalista julgou haver uma ameaça de tomada do poder, por parte do partido republicano, o que ocasionou uma defensiva do Dr. João de Barros Cassal e do Tenente Candido dos Santos Lara (ALMANAK LITTERARIO E ESTATÍSTICO, 1895). A dupla disparou fogo contra a costa da cidade, a bordo da Canhoneira Marajó, atingindo a região entre Mercado Público e a Praia do Riacho, atual Av. Loureiro da Silva (FEDERAÇÃO, 1892).

Pouco sabemos a respeito do artista, que assina o quadro como O. Furtado. Na ficha catalográfica da instituição, seu nome está registrado como Otaviano Furtado. Por meio de pesquisas em fontes bibliográficas e sites, algumas informações foram levantadas, porém não foi possível confirmar se tais registros tratam do mesmo autor de Canhoneira Marajó. Sabemos que um pintor chamado Octaviano Furtado expôs pinturas na Exposição Industrial Comercial, de 1901, de acordo com o catálogo da exposição (Documento eletrônico<sup>11</sup>). Um dos participantes do Salão de Outono, de 1925, que ocorreu no Paço Municipal, chamava-se Otaviano Furtado<sup>12</sup>.

De qualquer modo, notamos que, por meados da década de 30 se inicia um saudosismo, expressado pelos artistas por meio das pinturas de cenário antigos da cidade. Certamente, o quadro da Marajó ilustra um momento marcante para a cidade, um passado de tumulto político, de muitas revoltas e luta por poder. As balas da Marajó atingiram alguns pontos da cidade, inclusive casas e foram encontradas pelos moradores. O ataque marcou muito os habitantes da cidade, um exemplo disto é a doação de uma bala disparada da Marajó, feita por uma senhora ao museu Julio de Castilhos, em 1926 (FEDERAÇÃO, 1926).

O quadro da *Canhoneira Marajó* tem grande valor à cidade de Porto Alegre e considerando as exposições em que esteve (Caminhos da paisagem, Primeira margem e Paisagens de Porto Alegre) também tem muito valor como objeto

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/catalogodaexpos03bragoog#page/n14/mode/2up>>

<sup>12</sup> Fonte: *Enciclopédia Itaú Cultural, Salão de Outono (1925: Porto Alegre, RS)*. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento356827/salao-de-outono-1925-porto-alegre-rs>>

museológico, por retratar um acontecimento marcante da cidade e é o único quadro da pinacoteca que demonstra a uma relação de guerra entre Guaíba e a cidade.

**Quadro 9 - Riacho**

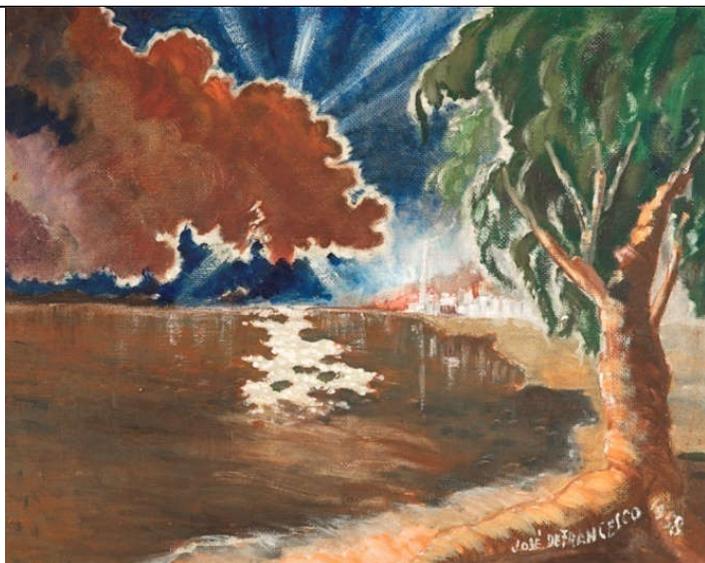
 <p>Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.</p>	<p>Autor: Libindo Ferras  Título: Riacho  Data: sem data  Técnica: óleo sobre tela</p>	
<p><b>Paisagem (descrição)</b>  Riacho; vegetação; árvores; casas; arroio.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b>  Pintor. Porto Alegre, 1877 - Rio de Janeiro, 1951  Estudou na escola Politécnica do Rio de Janeiro. Viaja para Itália e lá permanece entre 1897 a 1899 (esteve em Roma, Nápoles, Turim e Milão). Na Itália estudou em Joris, Ferrara e Basile. Em Porto Alegre com Ricardo Albertazzi. Foi um dos fundadores do Instituto de Belas Artes.</p>	<p><b>Trajétoria do objeto</b>  - 25/03 à 06/04/1991 - "A Porto Alegre que eu vejo II" - Sala Adel Carvalho/CMPA  - 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal  - 08/8 a 11/10/2013 - "Lonjuras" - Sala Aldo Locatelli - Paço Municipal</p> <p>Cond. físicas: - 1994 - Naida Vieira Correia: A obra já foi restaurada (reentelada). Alguns craquelês na margem esquerda e base esquerda. Deve ser restaurada. Temperatura 25°C, umidade de 36%.</p> <p>Resta.: - 1994 - Naida Vieira Correia: A obra foi higienizada frente e verso. Suspensa de maneira incorreta;  - 1996 - Naida Vieira Correia: Confirmado com a CMPA restauração da obra em 1994;  - 28/6 a 13/9/2012: restauro no atelier "Intervento", de Fernanda Matschinske.</p>

Aqui temos uma paisagem praticamente extinta da cidade de Porto Alegre. A imagem retrata um ponto do antigo riacho da cidade. Libindo foi um artista de caráter muito acadêmico e registrou muitas cenas de Porto Alegre.

O riacho, antigamente, iniciava na Praia do Riacho, próxima a região da Usina do Gasômetro e percorria a cidade até a zona leste. Segundo NUNES (2009), o riacho foi sendo ocupado por diversos grupos sociais, desde imigrantes a grupos excluídos da sociedade. Em meio aos projetos de desenvolvimento da cidade, que percorreram o século XX, a canalização do riacho já sugira em 1913. Contudo, foi apenas em 1940 que o projeto para canalização é aprovado e iniciado. A canalização, a construção da Av. Ipiranga e de duas pontes demorou mais de 20 anos e 204 residências foram desapropriadas (NUNES, 2009). As casas geralmente eram simples, pobres, não muito grandes, contemplando as classes indesejadas da cidade. Os planos diretores deram jeito de retirarem as famílias das margens do riacho.

Apesar de retratar uma visão romântica, a imagem retrata diversas questões sociais, que vão desde desenvolvimento urbano ao preconceito social. Trata-se, também, de uma cena hoje distante da realidade do atual Arroio Dilúvio, mas a questão do saneamento básico e moradias em beiras de riachos e arroios é ainda muito comum. O quadro, portanto, possibilita muitos questionamentos acerca da cidade, como também de problemas sociais do mundo todo.

Quadro 10 - Paisagem de Porto Alegre



Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: José de Francesco  
 Título: Paisagem de Porto Alegre  
 Data: 1958  
 Técnica: óleo sobre chapa aglomerado

<p><b>Paisagem (descrição)</b>          Árvore; Usina Elétrica; Praia de Belas; Zona sul; século XX.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b>          Rio Grande/RS. 1895 - Porto Alegre/RS, 1967. Pintor, cenógrafo e escritor. Filho de pais italianos. No Belas-Artes e Conservatório de Porto Alegre, estudou com Libindo Ferraz, Francisco Bellanca e Eugenio Latour. Recebeu também ensinamentos de Pedro Weingartner, de Augusto Luís de Freitas e de Francis Pelichek. Executou cenários para teatros e realizou exposições individuais em Valparaíso (Chile), Buenos Aires (Argentina), Montevideu (Uruguai) e no Brasil, em Livramento, Uruguaiana, Bagé, Cruz Alta, Santa Maria, entre outras. Escreveu Reminiscências de um Artista, que é uma autobiografia. Pintor primitivista e infantilista, dedicou-se ao regionalismo gauchesco de um lado e à infância.</p>	<p><b>Trajétória do objeto</b>          - 26/03 à 30/04/1993 - "A cidade na memória"          - Museu de Porto Alegre</p> <p>Cond. físicas: - 1986 - Leila Sudbrack:          "Readaptar o suporte à moldura; moldura necessitando reparos"</p>
--	---	---

A imagem pode ser comparada à pintura de Torquato Bassi, por se tratar de lugares e ângulos semelhantes. Francesco faz parte dos poucos pintores desta

pesquisa que utilizam um tom diferente do azul para representar as águas do Guaíba, nesse caso, um tom de marrom.

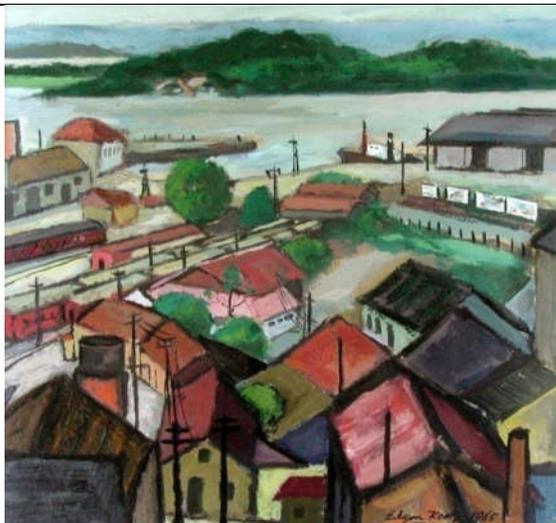
A partir da década de 30, em Porto Alegre, começam a maior parte das grandes transformações para a modernização da cidade. Na área do Cristal, as décadas de 40 e 50 trazem o início de uma série construções ao longo da orla, como: transferência da antiga sede do *Jockey Club* para o Cristal; Estaleiro Só (transferência para Ponta do Melo, hoje região entre Barra Shopping e Fundação Iberê Camargo); início do aterro entre a região da Usina (Ponta da Cadeia), até a Ponta do Melo; início do aterro para Av. Beira Rio. Além disso, em 1958 é inaugurada a Ponte do Guaíba, que se tornou também um símbolo da cidade, inclusive retratada por muitos artistas da atualidade. Ou seja, a década de 50 trazia a modernidade para a área do Cristal. A região, antes um marco bucólico, onde artistas buscavam refúgio e procuravam o máximo possível a natureza, agora é marcada pelo progresso. A região da antiga Praia de Belas, aqui é retratada ainda com uma serenidade bucólica, mas ressalta, ao fundo, a chaminé da Usina Elétrica<sup>13</sup>.

Ao mesmo tempo em que Francesco nos mostra a antiga Porto Alegre, nos apresenta também a nova. É difícil dizer com certeza o que o artista quis transmitir, mas provavelmente vemos um registro do aterro da região da atual Av. Beira Rio. A obra de Francesco pode nos proporcionar a nostalgia da antiga cidade, como também servir de anúncio aos anos de progresso que estão por vir.

---

<sup>13</sup> Fonte: Francisco Riopardense de Macedo, para a exposição “A Cidade na Memória”, através de documentação do Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Quadro 11 - Paisagem



Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Edgar Koetz

Título: Paisagem

Data: 1965

Técnica: óleo sobre papel

#### Paisagem (descrição)

Centro Histórico; casas; barco; vegetação; árvores; rodoviária; século XX.

#### Biografia do Autor

Desenhista, gravador, artista gráfico e pintor. (Porto Alegre RS 1914 - idem 1969). Dedicou-se, ao longo de sua carreira, ao desenho, à gravura e às artes gráficas. Como ilustrador, trabalha para a Editora Livraria do Globo. Participa da fundação da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em 1938. Em 1945, reside em Buenos Aires e lá, recebe um prêmio da Câmara Argentina do Livro pelo trabalho realizado na obra *Juarez Maximiliano*, de Franz Werfel. Na área educacional, trabalha como professor de pintura na UFRGS. A partir de 1964, retoma a carreira de pintor.

#### Trajatória do objeto

- 29/03/1990 - "Iniciação a Arte Gaúcha" - José Augusto Avancini/MARGS.
- 15/01 à 04/03/1991 - "Projeto Rio Guaíba" - Grande Galeria/MARGS.
- 25/03 à 06/04/1991 - "A Porto Alegre que eu vejo II" - Sala Adel Carvalho/CMPA.
- 25/03 à 14/04/1992 - "A Conquista da Modernidade no RS - Os Precusores do Modernismo" - Salas Negras/MARGS.
- 23/03 à 16/05/1994 - "Edgar Koetz - Paixão por POA" - Sala Berta- Locatelli/MARGS.
- 07/05 à 28/06/1998 - "Porto Alegre no Acervo" - Sala Berta-Locatelli/MARGS.
- 11/04 à 17/07/2006 - "Paisagens Urbanas" Sala Berta-Locatelli/MARGS.
- 25/07 à 15/09/2006 - "Imagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal.
- 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal
- 25/6 a 21/8/16 - "A modernidade impressa" - Curadoria Paula Ramos - Margs

#### Trajatória do objeto

Cond.: - 01/1992: "Bom estado".  
 Restau.: - 31/08 à 14/09/2009 - Restaurada por Fernanda de Tartler Matschinske  
 Obs: - Consta no verso da obra: "Nome do autor - título. Doação do Studio Publicidade XI Semana de Porto Alegre"  
 - Placa de metal na base inferior central da moldura: "EDGAR KOETZ Paisagem Doação XI Semana de Porto Alegre Studio Publicidade"

No final do ano de 1964, Edgar Koetz produz uma série de guaches que retratam diversos bairros da cidade, por causa da sua afeição, pelos aspectos chamativos desses lugares e principalmente por sentir que aos poucos as grandes paredes de concreto ganham mais espaço. É o próprio Koetz que afirma que sua motivação era a nostalgia da antiga Porto Alegre, em uma entrevista ao *Diário de Notícias*, na edição do dia 6 de dezembro de 1964.

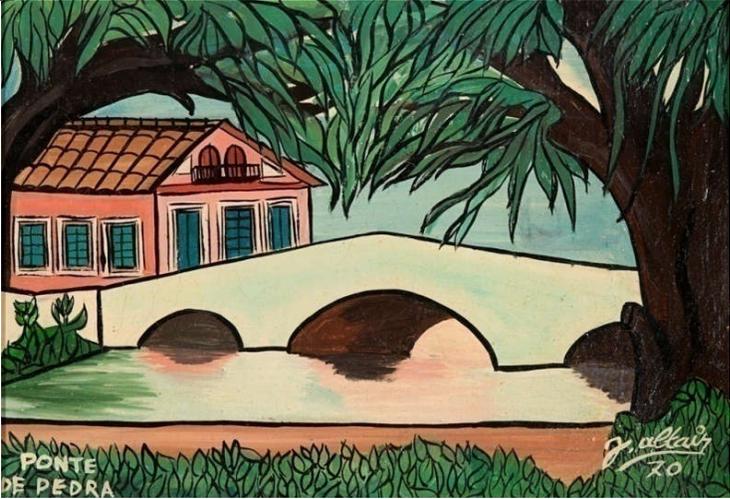
Mais uma vez vemos uma orla urbana, ao mesmo tempo em que algumas moradias ainda são casas simples. Atualmente, na área retratada está localizada a rodoviária de Porto Alegre, onde está o Largo Edgar Koetz. É o início da zona norte, uma das mais industriais áreas da cidade, enquanto que muitas construções antigas, agora, estão em ruínas. Ali temos o porto, estaleiros e depósitos, que ocasionavam a construção de casas simples, moradia dos trabalhadores daquela área, como vemos na imagem de Koetz<sup>14</sup>.

Nas inscrições, percebemos que a obra foi doação do Studio Publicidade e que há uma relação com a XI Semana de Porto Alegre, que ocorreu em 1970. A obra pode ter sido exposta no Paço Municipal, durante a Semana de Porto Alegre, como também ter sido doada ao acervo da Pinacoteca por conta do evento. Certamente, a obra registra uma transformação da cidade, a transição de um bairro residencial para um pólo industrial.

---

<sup>14</sup> Fonte: Francisco Riopardense de Macedo, para a exposição “A Cidade na Memória”, através de documentação do Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Quadro 12 - Ponte de Pedra

 <p>Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.</p>	<p>Autor: João Altair de Barros  Título: Ponte de Pedra  Data: 1970  Técnica: óleo sobre madeira</p>	
<p><b>Paisagem (descrição)</b>  Ponte; Ponte de Pedra; vegetação; árvores; casarão; século XX.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b>  Porto Alegre, 13/08/1934 - Porto Alegre, 15/02/2013  Pintor e escultor. Começou a estudar pintura ainda na adolescência. Morou em São Paulo, onde foi muito influenciado pela arte “primitivista”. Expôs no I Salão de Artes Visuais, em 1970. Em seu trabalho está muito presente a religiosidade afro-brasileira, que também fez parte de sua vida, pois era babalaorixá.</p>	<p><b>Trajectoria do objeto</b>  - 28/10 à 24/11/1992 - "A Cidade na Memória" - Sala Berta-Locatelli/MARGS.  - 26/03 à 30/04/1993 - "A Cidade na Memória" - Museu de Porto Alegre  - 28/6 a 23/8/2011 - "Labirintos da Iconografia" - MARGS  - 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal</p> <p>Procedência: Doado pelo artista em 05/04/1972  Cond. físicas: - 1991 - Suja por fungos. Início de craquelamento.  - 1993 - Naida Vieira Correia: Confirmando diagnóstico anterior. Agravamento dos craquelês da base de preparação. A obra deve ser restaurada.  Restau.: - 1993 - Naida Vieira Correia: Higienização geral da obra, frente e verso.  - 28/08 à 06/11/2008 - Restaurado por Fernanda de Tartler Matschinske.</p>

Altair possui um traço muito característico e é um artista que muito expressou a cultura negra em sua obra. Boa parte da sua produção artística é voltada para motivos religiosos. Enquanto Libindo Ferras registra o último período em que a ponte tinha ligação com o Guaíba, Altair registra uma ponte-memória, já exercendo seu papel patrimonial.

É irônico que um artista que muito retratou figuras afro-brasileiras e empoderou o povo negro, através de sua obra e vida pessoal, retrate um símbolo

que hoje representa a colonização açoriana. Porém, se pensarmos na mão trabalhadora que construiu a ponte, então estaremos falando do povo negro escravizado, pois sua construção data da década de 1840. O processo de tombamento da Ponte de Pedra inicia em 1971 e sua oficialização ocorre em 1979. Portanto, Altair produziu seu quadro ainda quando a ponte não era um patrimônio oficial, só que mesmo assim, logo após o fim do seu uso, na década de 1930, a ponte não deixou de ser uma construção importante para a cidade, já obtendo seu valor patrimonial. Altair utiliza a figura de um casarão rosado, que possivelmente não existia mais em 1970, mas é possível notar casarões semelhantes em fotografias, como por exemplo, do Museu de Porto Alegre.

Quadro 13 - Chegada dos açorianos ao sul



Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: NESMARO  
 Título: Chegada dos açorianos ao sul  
 Data: 1974  
 Técnica: óleo sobre tela

#### Paisagem (descrição)

Figuras antropomórficas que representam identidades do *gaúcho*: açoriano, negro, índio, espanhol; cavalo; carro de boi; navios.

#### Biografia do Autor

Nesmaro nasceu em Montevidéu e radicou-se mais tarde no Brasil. Realizou sua primeira exposição no Rio de Janeiro, com apenas 15 anos.

#### Trajectoria do objeto

Procedência: Doada pelo artista em 14/05/1975  
 Cond. físicas: - 1989 - Leila Sudbrack: "Desinfestação do suporte e chassi, ambos com manchas de mofo e insetos (térmitas); craquelê em fase inicial; pequenos danos com escoriações nas laterais. Provavelmente necessitará substituição do chassi".  
 Restau.: 22/09/1995 à 24/01/1996 - Restaurada por Lenora Rosenfield e Naida Vieira Correia/RESTAURART

Obs:- Consta no verso: Nome do autor e "Pinxit - Anno MCMLXXIV Pelotas September 1974"

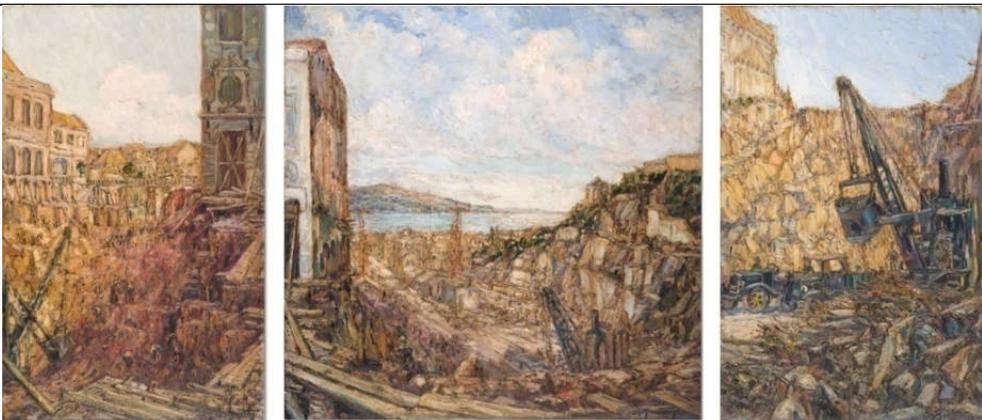
Essa imagem, apesar de não retratar tão diretamente as águas do Guaíba, nos passa uma ideia geral do que o lago representa para o imaginário da cidade. Ao longo dessa pesquisa, a maioria das fontes bibliográficas nos apresentou a história da formação da cidade de Porto Alegre com a vinda dos casais açorianos que chegaram às terras do Rio Grande do Sul. Nessa obra podemos ver essa chegada, retratada de forma muito simbólica.

Podemos ver que Nesmaro procurou apresentar todos os agentes, de acordo com sua visão, considerados formadores da cidade, um pouco diferente de Scliar, que utilizou apenas a figura açoriana. Podemos ver os índios, os negros e os açorianos. Há uma figura chave que é o "gaúcho" de braços abertos. Podemos considerar que, essa figura que abre os braços, seria a representação das famílias

que já residiam nas terras do Rio Grande do Sul, como os espanhóis. Também é uma figura enigmática, a partir do momento que retrata a imagem idealizada do gaúcho, que podemos notar pelas suas vestimentas tradicionalistas. Vemos a presença das pessoas negras isoladas da interação social que se faz entre “gaúchos” e açorianos. Os negros estão evidentemente exercendo a função de trabalho braçal e infelizmente, estão na imagem como meros espectadores, não podemos vê-los como agentes.

Apesar dos exageros simbólicos, o quadro de Nesmaro diz muito a respeito da idealização sobre como foi formada a cidade. Também evidencia características do tradicionalismo e dos estereótipos criados sobre os agentes sociais e culturais da cidade.

**Quadro 14** - Abrindo a Av. Borges de Medeiros

			<p>Autor: Luiz Maristany de Trias  Título: Abrindo a Av. Borges de Medeiros  Data: Sem data  Técnica: óleo sobre madeira</p>
<p>Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.</p>			
<p><b>Paisagem (descrição)</b></p> <p>Construção; obras; máquinas de escavação e demolição; prédios; morro; operários; século XX.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b></p> <p>Maristany de Trias. Pintor e professor. Por volta de 1906, mudou-se com a família para Buenos Aires até 1937. Durante esse período realizou exposições em diversas cidades da Argentina, do Chile, em Montevideu e no Rio de Janeiro, viajando também pela Europa, expondo na Itália e Espanha. Em 1938 recebeu o convite para lecionar anatomia artística e paisagem no Instituto de Belas Artes (atual Instituto de Artes) em Porto Alegre. Participou dos Salões organizados pelo IBA, tendo recebido o prêmio Barão de Santo Ângelo, em 1940, pelo quadro Vendedores de Laranjas – Navegantes.</p>	<p><b>Trajatória do objeto</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 29/03 à 10/04/1989 - "A Porto Alegre que eu vejo I" - Galeria I/MARGS</li> <li>- 05/04 à 08/05/1990 - "Porto Alegre vista por seus artistas" - Galeria II/MARGS</li> <li>- 15/01 à 04/03/1991 - "Projeto Rio Guaíba" - Grande Galeria/MARGS</li> <li>- 25/03 à 06/04/1991 - "A Porto Alegre que eu vejo II" - Sala Adel Carvalho/CMPA</li> <li>- 28/10 à 24/11/1992 - "A cidade na memória" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 26/03 à 30/04/1993 - "A cidade na memória" - Museu de Porto Alegre</li> <li>- 07 à 10/11/1995 - "Porto Alegre enla memória" - Salón de los Pasos Perdidos Buenos Aires/Argentina</li> <li>- 05/12/1995 à 07/04/1996 - "Pioneiros, tintas e pincéis" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> </ul>	
<p><b>Trajatória do objeto</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 25/10 à 31/12/2000 - "Pinacoteca Aldo Locatelli" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 09/01 à 31/03/2002 - "Porto Alegre na memória" - Sala Berta-Locatelli/MARGS</li> <li>- 25/07 à 15/09/2006 - "Imagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal</li> <li>- 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal</li> <li>- 08/8 a 11/10/13: "Lonjuras" - Paço Municipal</li> </ul> <p>Cond. físicas: - Moldura em más condições.  Restau.: - 1991: Moldura foi fixada  - 1998 - Restaurada por Naida Vieira Correia.</p>			

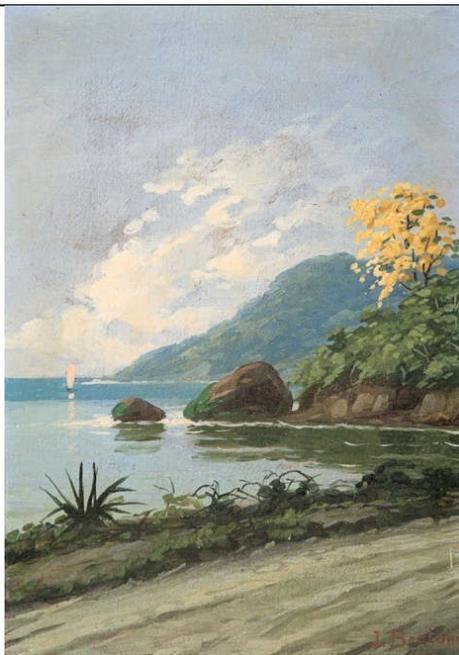
A abertura da Avenida Borges de Medeiros se inicia em 1927 e é concluída na década de 1940.

A imagem é confusa, de pincelada forte e de características impressionistas, comuns de Maristany. Na década de 1920, Maristany expõe em Porto Alegre. As obras são algumas paisagens da cidade e também da Europa. Considerando que o pintor tinha o hábito de pintar ao ar livre, é muito possível que ele tenha visto pessoalmente a construção do viaduto. Portanto, o período da obra se encaixa entre 1927 a 1940, mas levando em consideração que a imagem mostra praticamente o início da construção, é bem provável que sua produção seja do início de 1930.

Nessa obra é visível o anúncio do progresso na cidade. O viaduto estava previsto no primeiro Plano Diretor de Porto Alegre, com o intuito de ligar as zonas leste, sul e central. Na imagem parece que o viaduto vai surgindo de modo que cubra a visão do Guaíba. De certa forma, muitas das grandes construções inovadoras para a cidade foram cobrindo a visão do lago.

É interessante notar que Maristany é contemporâneo de Libindo Ferras, Ângelo Guido e Otaviano Furtado, três artistas que pintaram visões românticas e antigas da cidade. Maristany, contudo, nos apresenta o futuro. Não significa que não seja um pintor saudosista, mas de certa forma ele possui outro olhar sobre as paisagens da cidade.

## Quadro 15 - Ponta Grossa



Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: J. Madaloni Bertoni

Título: Ponta Grossa

Data: Sem data

Técnica: óleo sobre tela

**Paisagem (descrição)**

Estrada de chão; vegetação; pedras; árvore; morro.

**Biografia do Autor**

Pintor. Madaloni, Itália, 1889 - Rio de Janeiro, 1980.  
Radicado no RJ, viajou pelo país.  
Paisagista.

**Trajectoria do objeto**

- 25/07 à 15/09/2006 - "Imagens de Porto Alegre"  
- Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal.  
- 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre"  
- Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal  
- 08/8 a 11/10/2013 - "Lonjuras" - Sala Aldo Locatelli - Paço Municipal  
- 10/9/15 a 26/02/16 - "Quando o longe é perto: a paisagem entre 1890 a 1948" Sala Aldo Locatelli Paço Municipal.

Cond. físicas: - 1993 - Naida Vieira Correia:"A obra encontra-se em bom estado. Necessita limpeza uniforme e pequenos retoques (queda da cor causada por limpeza inadequada)".

Resta.: - 1993 - Naida Vieira Correia - Conservação:"Higienização geral da obra frente e verso".

Obs: J. Bertoni Filho -(1889-1980) OST - 56 x 40 - Marinha

Nascido em Madaloni, radicou-se no Rio de Janeiro. É filho de Ângelo Bertoni e irmão de Bertoni Filho. JULIO LOUZADA vol. 1B/120, 2/125, 3/120, 4/144, 6/124, 8/112, 9/108, 10/112 e 11/34.

fonte:www.leiloes-es.com.br/AnaTerra

A imagem retrata um cenário tonalmente natural, sem construções humanas. Temos aqui a genuína paisagem, no sentido dos seus primeiros conceitos, em que não há intervenção humana no meio natural.

A região da zona sul, desde os primórdios da habitação da cidade, foi composta de áreas rurais, com pouco desenvolvimento industrial, inclusive com pequeno papel residencial. Já vimos em outros casos de artistas que buscavam a área rural, provavelmente buscando a ideia de paisagem como um cenário o mais bucólico possível. Notamos que, principalmente, artistas estrangeiros registravam as paisagens naturais da cidade, como por exemplo Torquato Bassi. Inclusive, podemos fazer aproximações das imagens dos dois artistas, Bassi e Bertoni, ambos italianos. Assim como Bassi, Bertoni retrata o lago, uma estrada de chão e uma porção de terra ao fundo, caracterizando a formação geográfica típica de Porto Alegre, cheia de pequenas bacias d'água.

Os dados a respeito do pintor J. Bertoni são poucos. Há registros de outros dois pintores com o mesmo sobrenome, porém ambos assinam de modo bem diferente de J. Bertoni. Podemos confirmar, então, que há pelo menos três Bertonis diferentes: Ângelo Bertoni, Bertoni Filho e J. Bertoni. A obra também não possui datação, apesar de parecer ser da primeira metade do século XX. Há registro de um pintor J. Bertoni em Juiz de Fora, segundo a edição de 2 de abril de 1919, do jornal *O Pharol*, do Rio de Janeiro.

Podemos presumir que Bertoni era um artista que muito viajava pelo Brasil, provavelmente permanecendo pouco tempo em Porto Alegre, motivo que não teria registro em Salões, jornais, entre outros eventos e documentos.

**Quadro 16 - O dedo/ Pedras/ Serraria**

Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Autor: Rodolfo Marik  
 Título: O Dedo – Pedras - Serraria  
 Data: sem data  
 Técnica: óleo sobre tela

<p><b>Paisagem (descrição)</b>          Pedras; zona sul; bairro Serraria.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b>          Pilsen, Tchecoslováquia.          Cursou Escola de Belas Artes de Praga, vindo para Porto Alegre em 1956. Já expôs em Praga, Varsóvia, Budapest, Belgrado e Porto Alegre.</p>	<p><b>Trajatória do objeto</b>          - 18/01 a 05/4/2012 - "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal</p> <p>Procedencia: Doadada pelo artista em 22/07/1974          Cond. físicas: - 01/1992: "Bom estado. Sujidades".          Resta.: restauro, no atelier de Fernanda Matschinske, de 12/7 a 30/9/11.</p> <p>Obs: - Consta no verso: - No chassi: "O Dedo - Serraria - Pedras Milenares"          - Título: "Pedras/Serraria/(?)"</p>
--	---	--

Assim como Bertoni retratou uma cena sem construções do homem, o pintor tcheco Rodolfo Marik também retrata uma cena totalmente natural. Além disso, ambos os quadros, de Bertoni e Marik, registram paisagens da região da Ponta Grossa.

Podemos dizer que até hoje a região da Ponta Grossa é considerada zona rural para os moradores da cidade. Pelo título, é muito provável que, além da área afastada do centro da cidade, o que chamou a atenção de Marik foi o tipo de rocha encontrada nessa região. Marik nos apresenta um olhar bem específico da cidade e seria muito interessante questionar às pessoas de que lugar se trata, antes de informar que se trata de Porto Alegre. É visível que o artista tem um traço bem próprio, que pode nos fazer pensar que a cena não se trata da cidade.

**Quadro 17 - Formação da cidade de Porto Alegre**

 <p>Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.</p>	<p>Autor: Carlos Scliar  Título: Formação da cidade de Porto Alegre  Data: 1974  Técnica: pigmento e cola vinícola sobre tela.</p>	
<p><b>Paisagem (descrição)</b>  Mulheres; cavalo; carros de boi; Igreja das Dores; Mercado; Ponte Pedra; edifício Malakoff; casas; vegetação; barcos; século XIX; século XX.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b>  Pintor, desenhista e gravurista. Participou em 1935 da mostra comemorativa da Revolução Farroupilha. Foi ilustrador da <i>Revista do Globo</i>, a partir de 1936. Na metade de 1950 volta a morar no Rio de Janeiro. Em 1967 volta para a gravura, utilizando serigrafia. Em 1970, nas cidades de São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte, ocorrem mostras retrospectivas de sua obra.</p>	<p><b>Trajetória do objeto</b>  - Políptico formado por nove (09) peças.  - 01/1992: Bom estado.</p>

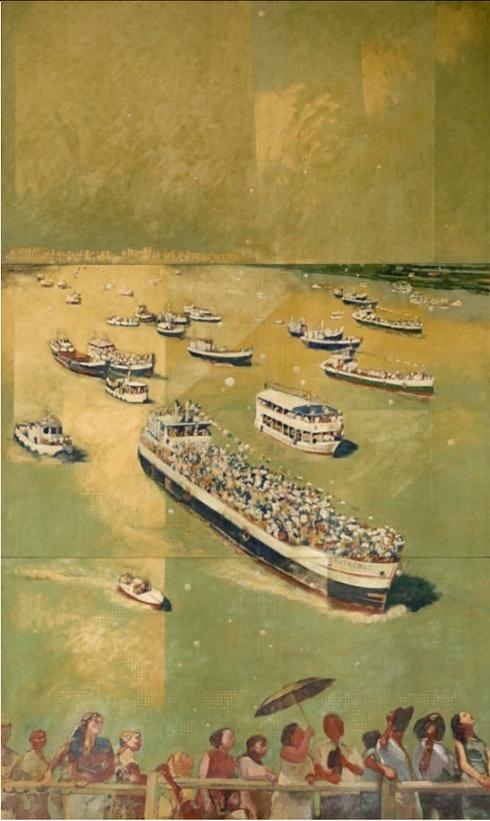
Este painel de Scliar faz parte do conjunto encomendado pelo prefeito Telmo Thompson Flores, na década de 1970, para serem expostos no Salão Nobre do Paço Municipal.

Neste primeiro painel, Scliar representa o começo da cidade e todos os elementos formadores dela. É evidente a presença das famílias imigrantes, evidentemente açorianas, por tratar da origem da cidade de Porto Alegre. As

famílias açorianas chegam à região de Porto Alegre por volta de 1753, para serem alocadas pelo estado. Em 1772, devido a sua posição estratégica, Porto Alegre é fundada oficialmente, sendo povoada por famílias açorianas. É claro que os açorianos tiveram grande importância para a formação da cidade, mas a visão retratada na imagem é extremamente unilateral. Podemos imaginar que a intenção de Thompson Flores foi ressaltar a presença açoriana, pois no nosso imaginário a origem da cidade está toda voltada para a figura das famílias açorianas. Contudo, não podemos deixar de pensar que antes de qualquer imigrante, quem esteve presente na região do Estado foram os índios, muito provavelmente cruzando as terras da cidade. Também vale considerar a presença do povo negro, que foi de extrema importância. Principalmente, a presença da população negra foi indispensável para construções da cidade, que inclusive estão presentes na obra de Sciar. A igreja das Dores e a Ponte de Pedra são duas construções que foram erguidas por mãos negras, mas não estão presentes no quadro os formadores invisíveis.

Percebemos que Sciar utiliza imagens do trabalho rural, da arquitetura do século XIX e resalta construções simbólicas, como o Mercado Público, Ponte de Pedra e igreja das Dores. Há também grande representação de vegetação, dialogando com as pinturas do início do século XIX. Além disso, há uma forte interação com o Guaíba, como podemos ver nas embarcações e nas lavadeiras. Em consequência, há uma representação do lago em grande volume, tanto que é possível ver outras terras, que passa uma ideia da dimensão das águas do Guaíba.

**Quadro 18** - Procissão da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

 <p>Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.</p>	<p>Autor: Carlos Scliar  Título: Procissão da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes.  Data: 1974  Técnica: pigmento e cola vinícolica sobre tela.</p>	
<p><b>Paisagem (descrição)</b>  Barcos; devotos da procissão; vegetação.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b></p>	<p><b>Trajectoria do objeto</b>  - Políptico formado por nove (09) peças.  - 01/1992: Bom estado  - A obra é um tríptico.(195)</p>

O segundo painel é da procissão de Navegantes. A devoção à Nossa Senhora dos Navegantes é uma marca da população de Porto Alegre e surgiu no bairro que tem o mesmo nome da santa.

O bairro de Navegantes é muito antigo na cidade de Porto Alegre. Segundo Cavedon (1992), o bairro tem origem ainda no Brasil colonial, por volta de 1870, tornando-se mais tarde um bairro familiar, onde havia reuniões em clubes e práticas esportivas. O bairro foi perdendo essa característica ao se tornar em

grande parte industrial. A devoção, segundo Cavedon (1992), inicia em 1870, com a encomenda de uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, pelos moradores portugueses da região. Em 1871 já é celebrada a festa de Navegantes, na capela do Menino Deus (CAVEDON, 1992). É direta a ligação entre a comemoração e o lago. A procissão, antigamente, contava com o cortejo náutico, como é retratado no quadro de Scliar. Como podemos ver na imagem, o cortejo não era pequeno e contava com muitos participantes. A tradição perdeu a forma, por causa de acidentes que ocorriam durante o evento.

A imagem retrata diretamente a ligação do povo porto-alegrense com o lago. Por mais que a procissão atualmente tenha perdido suas características originais, a ideia de que Nossa Senhora de Navegantes é a “madrinha” da cidade ainda circula no imaginário dos habitantes, como vemos frequentemente quando os visitantes do Paço observam a obra de Scliar.

Sem dúvida, há um sentimento de agradecimento ao lago, de gratidão, que fica muito evidente nesse último painel. Segue ao longo dos anos a imagem de uma Porto Alegre que se sente pertencente ao lago, através desse painel, que Scliar tão bem simboliza a relação entre cidade e suas águas

**Quadro 19** - Porto Alegre e sua projeção para o futuro

		<p>Autor: Carlos Scliar  Título: Porto Alegre e sua projeção para o futuro  Data: 1974  Técnica: pigmento e cola vinícol sobre tela.</p>
<p><b>Paisagem (descrição)</b>  Paço Municipal; Igreja das Dores;  Mercado Público; Cais; viadutos;  navios; estádio do Beira-Rio;  Ponte de Pedra; edifícios.</p>	<p><b>Biografia do Autor</b></p>	<p><b>Trajectoria do objeto</b>  - Políptico formado por nove (09) peças.  - 01/1992: Bom estado</p>

Fonte: Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli.

Neste terceiro painel, podemos ver a cidade mais modernizada, ou seja, o medo de artistas como Ângelo Guido finalmente concretizado. A segunda metade do século XX trouxe um grande volume de construções para a cidade, grande parte na década de 1970.

Ao mesmo tempo em que vemos altos prédios, viadutos e navios, também vemos prédios históricos. Mais uma vez a Ponte de Pedra, a Igreja das Dores e em especial o Mercado Público, que já estava em processo de tombamento no ano de 1974, data de produção dos painéis. A visão de projeção para o futuro da cidade, que foi pretendido passar, é de priorização de construções modernizadoras, mas

sem perder aspectos históricos, como podemos ver em alguns prédios antigos detalhados pelo painel, em destaque o próprio Paço Municipal. Fazendo uma breve comparação entre os dois painéis acima, podemos notar que a representação da formação de Porto Alegre nos traz uma cidade mais próxima do lago e com maior volume de água, enquanto o painel que representa a projeção para o futuro apresenta um volume muito pequeno do lago (podemos ver um detalhe acima, à direita), mas retrata relações de navegação.

Mesmo com esse “afastamento”, notamos que as construções históricas retratadas se relacionam, ou se relacionaram, com o rio. Temos o Mercado, que muito serviu para distribuição dos produtos que chegavam do lago; temos o Cais Mauá e a Ponte de Pedra, que é um marco do tempo em que as águas do Guaíba atravessavam a cidade.

## 5.10 LAGO NO MUSEU

Após esse trajeto de lago, estradas, casarios, construções, riachos e pontes, um novo olhar aponta para a reflexão da relação entre os dados coletados e os quadros enquanto objetos de museu. Vamos ressaltar o caráter museológico das obras, que são documentos de informação, enquanto imagem e também enquanto objetos tridimensionais. Para tal, precisamos definir alguns conceitos: musealização e objeto de museu.

A *musealização* é o processo que transforma as coisas cotidianas em objetos patrimoniais, sendo necessárias diversas etapas, que podemos inclusive considerá-las contínuas, desprovidas de conclusões. Esse processo serve tanto para coisas físicas, como também para lugares, como são os casos das paisagens culturais. Para Loureiro (2011), a musealização é definida como:

[..] um conjunto de processos seletivos de caráter info-comunicacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se objeto de preservação e divulgação. Tais processos, que têm no museu seu caso privilegiado, exprimem na prática a crença na possibilidade de constituição de uma síntese a partir da seleção, ordenação e classificação de elementos que, reunidos em um sistema coerente, representarão uma realidade necessariamente maior e mais complexa. (LOUREIRO, 2011, p. 204)

Geralmente, o passo inicial da musealização é a aquisição do objeto, ou incorporação, que contempla ações, como por exemplo, a chegada do objeto ao museu, seu registro no livro tomo, a elaboração de uma ficha que contemple informações físicas e contextuais da peça e seu acondicionamento adequado. A musealização, porém, é muito mais complexa e podemos dizer que seu objetivo principal é a preservação do objeto adquirido, por meio de cuidados técnicos de conservação e compartilhamento das informações a respeito do objeto. Enfim, quando falamos em musealização conseqüentemente tratamos de um conceito chamado *objetos de museu*.

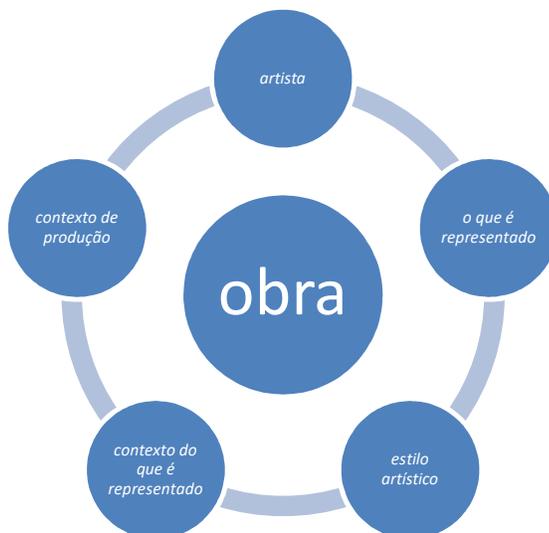
Os *objetos de museu* são aqueles pertencentes a uma instituição museológica, fazendo parte oficialmente de seu acervo. Segundo Desvalles e Mairesse (2013), o objeto de museu não necessariamente é algo concreto, visto que ele perde seu valor como “coisa”, ou seja, o objeto de museu é desprovido de sua função como utensílio, passando a ser um objeto composto por um complexo de informações e significados. Museologicamente falando, a “coisa” é contrária ao “objeto”, pois o primeiro condiz aos usos cotidianos, à relação de utilidade, enquanto o objeto é algo distinto de nós, o que está frente a nós e, portanto, é diferenciado de nós, que segundo Pomian (1984), são os *semióforos*. Os objetos de museus, como apontam Desvalles e Mairesse (2013), possuem também a terminologia *musealia*. Além de serem repletos de outras significações, os objetos de museu são cercados de procedimentos, como aquisição, documentação, exposição, conservação, entre outras ações que envolvem a museografia. Por isso, para Desvalles e Mairesse (2013) os museus também são produtores de objetos. Ao analisarmos um instrumento musical em um museu, o último pensamento que devemos ter é em um concerto musical, mas provavelmente vamos pensar no modo de produção daquele objeto, como era o mundo no seu contexto histórico, quem já utilizou aquele instrumento, entre outras questões que nos distanciam do objeto enquanto algo de uso pessoal. Nos museus, os objetos não são para serem utilizados de modo particular, mas podem ser pensados de modo particular. Os objetos de museu são fontes de informação, ou seja, são documentos. Segundo Meneses (1980), podem ser praticamente qualquer tipo de objeto, pois não são necessariamente apenas documentos oficiais que contém informação, mas também um livro de ficção, por exemplo, pode dizer muito a respeito de uma

corrente literária, ou de um contexto histórico. Para Meneses, nesse sentido de objeto como fonte de informação, um documento seria:

“[...] um objeto (minha referência aqui será considerada sempre física) que se exclui do seu contexto original, com as significações próprias desse contexto em que foi gerado, e que se introduz no *meu contexto cultural*. É nessa translação de contexto que o objeto ganha a natureza de documento e sempre como suporte físico de informação. Esta sala, por exemplo, é receptáculo de uma série de objetos: microfones, mesas, cadeiras, luminárias, uma certa estruturação do espaço físico e assim por diante. Isso tudo são objetos que existem em função de determinados objetivos utilitários. Não podemos, entretanto, chamar de documentos a nenhum desses objetos, salvo, justamente, se a estas funções primárias de cada um desses objetos se sobreponha a de fornecer informações. É claro que eu posso usar cada um desses objetos como documento, mas isso significa que eu estaria alterando a própria natureza primária desses objetos.” (MENESES, 1980, p.4)

No caso dos quadros, que em sua maioria são produzidos para fins decorativos, quando se tornam objetos de museu, são desprovidos da função de “decorar”. Ora, então qual seria a função de um quadro em um museu, senão ser exposto? O quadro não tem mais a função de apenas satisfazer esteticamente, pois enquanto objeto de museu está sujeito a se relacionar com o público e vice versa. Os objetos em museus possuem diversas interpretações, que rodeiam as emoções de quem o observa e os contextos históricos. No caso dos quadros, que são obras de arte mais tradicionais, a primeira ideia é a de “contemplação”. Contudo, estão presentes numa pintura a óleo uma gama de informações sobre seu estilo artístico, seu contexto de produção, que muitas vezes o que está sendo representado pictoricamente não condiz com o contexto de produção da obra. Pensar os quadros enquanto objetos de museu também implica em problematizar o círculo de relações:

#### **Ilustração 1 - Círculo de Relações**



Fonte: Mireli Castilhos Oliveira

Além disso, cabe considerar sua trajetória enquanto objeto de museu, o que significa avaliar as exposições em que esteve presente, sua aquisição, suas intervenções, entre outras questões. Entretanto, nesta análise vamos evidenciar as exposições em que as obras analisadas estiveram expostas.

No círculo de relações acima, temos itens que contemplam questões levantadas pela documentação museológica, através da pesquisa das informações extrínsecas e intrínsecas do objeto (MENSCH, 1987, apud FERREZ, 1994, p. 2). Analisando as informações registradas nos quadros do capítulo 4.3, podemos levantar algumas conclusões acerca das expressões museológicas das obras. Primeiramente, sobre os assuntos que são apresentados nos quadros, podemos afirmar que não são apenas paisagens contemplativas, pois retratam um símbolo da cidade, um dos pontos mais característicos da cidade, o lago, o que significa que o público porto-alegrense que interage com essas obras não será passivo. Os artistas, ao retratarem o lago e o que está à sua margem, como a Ponte de Pedra, o Mercado, a vegetação e as construções, estão também retratando nos quadros uma parte do espírito do lugar da orla. Por exemplo, o painel da Procissão de Navegantes, de Sciar, é talvez o melhor exemplo, em que a arte está registrando um aspecto dessa forte e antiga relação da cidade com suas águas. Outro exemplo é a Ponte de Pedra, seja a de Altair ou de Libindo, em ambos os quadros está marcado o valor da Ponte como patrimônio histórico. Ao mesmo tempo em que os artistas depositam aspectos do espírito do lugar nos quadros, o público porto-

alegrense se identifica e sente-se tocado de alguma forma, seja positivamente, ou negativamente. Além disso, os próprios artistas são agentes nessa relação entre cidade e lago, que compõe a paisagem cultural. Todos eles, os artistas, tiveram em algum momento algum contato com o lago e a produção dos quadros é um resultado do espírito do lugar.

A fim de analisar mais claramente a ocorrência dos quadros nas exposições, foi elaborado um quadro (apêndice) em que podemos visualizar as correlações. Através do quadro, primeiramente, que a maioria das exposições tem como temática a cidade e o lago. Depois, notamos que há frequentemente a temática de paisagem e memória. Por último temos assuntos diversos, como a cidade, o lago, paisagem, imigrantes, academicismo, o que revela a ideia de que os quadros possuem uma ampla diversidade enquanto objetos de museu, contemplando inúmeros temas. Isso significa que esse conjunto de obras também pode ser contemplado por inúmeras possibilidades de análises e significados, que a instituição pode abordar, a partir dele, aspectos arquitetônicos, naturais, sociais, geográficos, de desenvolvimento urbano, comerciais, entre muitos outros. As exposições em que mais se repetiram obras foram, em ordem decrescente: "Paisagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal; "Imagens de Porto Alegre" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal e "Lonjuras" - Sala Aldo Locatelli/Paço Municipal. Podemos notar que as três exposições possuem temáticas semelhantes: a cidade de Porto Alegre. Das 35 exposições levantadas, apenas 14 não tiveram obras repetidas, todas as outras 21 exposições tiveram pelo menos duas obras desta análise.

## **6 MERGULHOS FINAIS**

Antes de qualquer constatação, é necessário ressaltar que o acervo selecionado possui ainda muito a ser pesquisado, principalmente pela parte dos artistas viajantes, que por não serem residentes da cidade, deixaram poucos registros. Através desta pesquisa, podemos evidenciar o caráter multidisciplinar da

Museologia. Foram coletados dados a partir de bibliografias das áreas de história da arte, geografia, arquitetura, antropologia, história e filosofia.

A primeira característica notada é que as 19 obras funcionam muito bem conjunto, não apenas por retratarem pontos da orla, mas também por que conversam em questões estilísticas, de períodos da arte na cidade e por formarem uma peculiar linha cronológica, que vem desde o final do século XIX, até a década de 1970. A respeito dessa cronologia, não há uma exatidão, uma dureza, talvez nem um padrão, pois mesmo as obras do início do século dialogam com as produzidas na segunda metade do século. Essa cronologia não é linear, mas perpassa o século, nos fazendo voltar para o começo do século, mesmo estando na sua metade. O espaço evolui, mas ao mesmo tempo em que há artistas que retratam isso, temos artistas que buscam o passado. É possível ver essa evolução da arte, em termos estilísticos, em que começamos com os artistas acadêmicos e terminamos nos modernistas. Porém, há nessa evolução artistas como Ângelo Guido, Otaviano Furtado e Libindo Ferrás, que clamam pela academia e pela Porto Alegre antiga. Inclusive, esse clamor pela cidade antiga está refletido nas exposições, como por exemplos: “A Cidade na Memória”, “Porto Alegre na Memória” e “Quando o longe é perto: a paisagem entre 1890 a 1948”.

As obras, como dito anteriormente, possuem grande potencial para retratar o espírito do lugar do Guaíba. Apesar de não esgotarem as relações que envolvem o espírito do lugar, o conjunto de obras pode muito bem ser utilizado como base para um diálogo sobre a Paisagem Cultural. Temos, na orla do Guaíba, uma diversidade muito grande de relações e muitas questões atuais podem ser abordadas através dos quadros. Os objetos de museu têm esse poder, de atravessar o tempo e continuar a despertar questões da nossa realidade. A Ponte de Pedra, que hoje está sendo restaurada, recebeu muita atenção de boa parte da comunidade do Centro Histórico, entre outros pontos da cidade, por causa de rumores a respeito de uma suposta interferência inadequada no seu restauro. A região da Usina do Gasômetro hoje está totalmente inacessível por causa do projeto de revitalização da orla. Esse tipo de reforma interfere no cotidiano da região, que além de ser um espaço de cultura, é um ambiente de lazer, principalmente em finais de semana, por isso, há ainda muitas controvérsias a respeito da revitalização. A região bucólica que Bassi e Francesco nos apresentam, hoje continua com uma vista preservada e é constantemente frequentada, seja

pelos amantes de atividades físicas, apaixonados pela arte de Iberê e dos adoradores de passeios pelo shopping. Portanto, há presente nos cenários dos quadros esses laços entre a cidade e sua paisagem.

Uma problemática que notamos acerca da Paisagem Cultural, é o contraste entre *arquitetura x natural*. No caso da orla do Guaíba, essa análise é difícil de tratar, visto que não há uma bibliografia suficiente acerca desse assunto, mas de acordo com esta pesquisa, com base nos quadros, podemos notar uma forte relação entre as construções que cercam o Guaíba com sua paisagem natural. Por exemplo, a Ponte de Pedra é um patrimônio histórico tombado e é um registro do tempo em que naquela região, entre a Praia do Riacho e a Praia de Belas, desaguava o lago. Outra relação entre a arquitetura e o natural da orla, é o Mercado Público. O decorrer da orla se desenvolve de forma que, considerando todas as relações existentes desde a região norte até a região sul, podemos considerá-la, além de uma Paisagem Cultural, também um percurso cultural.

Podemos notar que a maior parte dos cenários retratados é do atual bairro Centro Histórico. Provavelmente, por que a cidade é formada a partir do Centro, além de ser o pólo artístico dos séculos XIX e XX, pela localização do Instituto de Artes e pela Rua da Praia, que foi por muito tempo local de exposições. Depois, a maior ocorrência são os cenários da região sul da cidade, que primeiramente tinha uma característica essencialmente rural e provavelmente por isso era buscado pelos artistas, que expressavam aspectos bucólicos. Notamos, também, a falta de figuras humanas. As poucas que aparecem, são retratadas trabalhando. Enquanto há a falta da burguesia branca, temos a presença da comunidade negra, porém retratada apenas como contribuintes ao trabalho. Ainda assim, é interessante notar que a obra que mais evidencia o negro, é também a obra mais antiga e de autoria de um artista viajante alemão. Remetemo-nos a Debret, que vinha ao Brasil pintar o povo negro e indígena. Já os outros artistas do início do século XX, procuravam fugir da figura humana. Podemos notar também que há um crescimento da cidade visível nas obras. Contudo, devemos ressaltar a relutância dos artistas de retratarem as inovações da cidade.

Encerremos esta conclusão com parte de um artigo de autoria de Ângelo Guido, em que primeiramente, menciona os impressionistas franceses, que buscaram explorar cor e forma nos campos do interior da França. Guido descreve, como num suspiro de cansaço, o fim dos casarios e início dos apartamentos, que

segundo ele fez a cidade perder o espaço, a luz e o ar que eram tão convidativos a pintar. Segundo Guido:

A cidade, naquele tempo, tinha uma alma diferente da atual. Quando diante de meu velho casario ou de um trecho de paisagem agreste, num fim de linha, à beira do Guaíba, nas Docas, à margem do Riacho ou junto aos morros de Terezópolis e da Glória íamos, nós os paisagistas, a escolher um motivo para pintar, tínhamos a impressão de que cada nota de cor, cada traço, cada pincelada participava de uma linguagem toda nossa, porém simples e apaixonada, para traduzir em linhas e cores o que uma casa, ou uma árvore, um velho muro, ou um corte de barranco, um grupo de barcos, ou a nota quente de uma estrada a rasgar a verde superfície do campo queriam ao nosso amoroso encantamento segregar. (GUIDO, 1958)

Guido ainda cita a obra de Maristany, da construção da Avenida Borges de Medeiros, que retrata a modernização; cita o esquecimento da Ponte de Pedra pelos artistas e menciona a transformação da orla, com o aterro, que retirou as casinhas e as antigas docas.

Portanto, não importa a geração, sempre veremos uma cidade inundada por seu lago; sempre haverá um artista mergulhado nas águas proibidas do Guaíba. Como vemos, não havia um contentamento, por parte dos artistas, com as mudanças na orla, talvez esse desgosto expressasse o pensamento da população da época. Ainda hoje vemos nos museus problemáticas a respeito da interação *cidade X lago*. Essa relação provavelmente nunca morrerá, mas assim como a cultura, irá se transformando ao decorrer dos anos. É preciso explorar essa interação, pois Porto Alegre é filha das águas do Guaíba, então cabe aos museus fazerem o intermédio dessa forte relação, que é uma das essências porto-alegrenses.

## REFERÊNCIAS

- A FEDERAÇÃO, Rio Grande do Sul: Partido Republicano Rio-grandense, edição 128, ano V, 7 junho 1888. 4 p.
- A FEDERAÇÃO, Rio Grande do Sul: Partido Republicano Rio-grandense, edição 280, ano VI, 6 dezembro 1889. 4 p.
- A FEDERAÇÃO, Rio Grande do Sul: Partido Republicano Rio-grandense, edição 142, ano IX, 25 julho 1892. 4 p.
- A FEDERAÇÃO, Rio Grande do Sul: Partido Republicano Rio-grandense, edição 169, ano XLIII, 27 julho 1926. 4 p.
- ALMANAK LITTERARIO E ESTATÍSTICO, Rio Grande do Sul: Livraria Americana, edição 7, ano 7, 1895. 369 p.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, 6 dez. 1937. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_no\\_25\\_de\\_30\\_de\\_novembro\\_de\\_1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Site oficial**. Disponível em: <[http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?p\\_secao=118](http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?p_secao=118)>. Acesso em: 01 jun. 2016.
- CAVEDON, Neusa R. **Navegantes da esperança**: análise de um ritual religioso-urbano em Porto Alegre. 1992. Dissertação (Mestrado)– Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CLARK, K. **Paisagem na arte**. Lisboa: Ulisseia, 1961.
- CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS. **Declaração de Québec**: sobre a preservação do “Spiritu loci”. Canadá, 2008. Disponível em: <[http://www.icomos.org/quebec2008/quebec\\_declaration/pdf/GA16\\_Quebec\\_Declaration\\_Final\\_PT.pdf](http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução e comentários: Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio Grande do Sul: Órgão dos Diários Associados, edição 232, ano XL, 6 de dezembro de 1964, 40 p.
- DICIONÁRIO brasileiro de artistas plásticos. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1973. 4 v.

FERREZ, Helena D. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. In: IPHAN. Estudos Museológicos. Rio de Janeiro, 1994. (Cadernos de Ensaios 2).

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

GERVEREAU, L. **Ver, compreender, analisar imagens**. Lisboa: Edições 70, 2007.

GUIDO, Ângelo. Porto Alegre, suas paisagens e seus pintores. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, p. 2, 30 março 1958.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009**. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto\\_paisagem\\_cultural.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2016.

KRAWCZYK, Flávio. Roteiro do descompasso e da inovação: os salões de artes plásticas em Porto Alegre – 1925/1971. In: BULHÕES, Maria Amélia (org.). *Memória em Caleidoscópio: artes visuais no RS*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

LOUREIRO, Maria Lucia N. M. **“Preservação in situ X ex situ: reflexões sobre um falso dilema”**. (apresentado no 3.º Seminário Iberoamericano de Museologia, Madrid, Espanha). 2011. Disponível em: [https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11607/57448\\_16.pdf?sequence=1](https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11607/57448_16.pdf?sequence=1)

MACHADO, Janete d Rocha. **O veraneio de antigamente**: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na Zona Sul de Porto Alegre (1900 – 1960). 2014. 194 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2014.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *O Objeto Material como Documento*. Reprodução de aula ministrada no curso Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas. IAB-Condephaat, 1980. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/328342880/MENESES-U-B-O-OBJETO-MATERIAL-COMO-DOCUMENTO-pdf>

Nunes, Júlia Schiedeck. Avenida Ipiranga: Processo Evolutivo ao Longo do Século XX. X Salão de Iniciação Científica PUCRS. 2009.

O PHAROL, Rio Grande do Sul: Livraria Americana, edição 76, ano LIV, 2 abril 1919. 4 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Convenção para proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**. Paris, 1972. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. Tradução Maria Clara F. Kneese. São Paulo: Perspectiva, 2002.

POMIAN, K. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. v. 1 Memória e História

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Site oficial**. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?p\\_secao=68](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?p_secao=68)>. Acesso em: 04 jul. 2016.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROSA, Renato e PRESSER, Décio. **Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul**. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

SALGUEIRO, V. A paisagem na arte - elementos para uma história e questões para pesquisas futuras. **Locus**, Juiz de Fora, v. 3, n.2, p. 99-118, 1997.

SAUER, C.O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.L., ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SOARES, A.P. M. *O território mito da orla antropologia de conflitos territoriais urbanos ambientais em Porto Alegre, RS*. 2014. 284. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

WEISSHEIMER, M. R. (Org.). **Paisagem cultural**. Brasília: IPHAN, 2009.



do Centro Municipal de Cultura																			
- 25/03 à 14/04/1992 - "A Conquista da Modernidade no RS - Os Precursores do Modernismo" - Salas Negras/MARGS.											X								
- 27/08 à 25/10/1992 - "MARGS por Olívio Dutra" - Sala Berta- Locatelli/MARGS					X														
- 28/10 à 24/11/1992 - "A cidade na memória" - Sala Berta- Locatelli/MARGS			X		X		X					X		X					
- 26/03 à 30/04/1993 - "A Cidade na memória" - Museu de Porto Alegre			X		X		X	X			X		X						
- 23/03 à 16/05/1994 - "Edgar Koetz - Paixão por POA" - SalaBerta- Locatelli/MARGS											X								
- 30/01 à 20/03/1994 - "Arte restaurada" - Sala Berta- Locatelli/MARGS					X														
-07 à 10/11/1995 - "Porto Alegre en la memória" - Salón de los Pasos Perdidos/Buenos Aires/Argentina			X		X		X							X					
- 05/12/1995 à		X	X		X									X					





